



The Bard News®



Fundador - J.B Wolf

Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

José de Alencar **Pag A2**

Arte | Literatura | Cultura | Filosofia | História | Educação | Curiosidades | Comportamento | Saúde & Bem-Estar | Opinião | Ciência & Tecnologia | Crítica

VOL. II / Jornal No. 5, JANEIRO 11, 2026



Ansiedade coletiva:

Por que o mundo nunca esteve tão estressado?

Por Drika Gomes
COLUNISTA

Ansiedade coletiva atinge níveis alarmantes na era da hiperconexão: enquanto estamos mais conectados que nunca, paradoxalmente nos perdemos dentro de nós mesmos. Pesquisas do Harvard Center for Wellness revelam estresse global crescente, explicado pela neurociência como hiperativação da amígdala e excesso de cortisol, mas práticas ancestrais como música e meditação oferecem caminhos de retorno à harmonia interna.

Leia Mais **Pag A17**

O açúcar e sua doçura

em nossa língua portuguesa

Por Renata Munhoz
COLUNISTA

O açúcar transcendeu sua função alimentar para adoçar a língua portuguesa: da etimologia sânscrita "sharkara" ao árabe "sukkar", chegando ao português arcaico "açúcar", este ingrediente histórico de luxo permeia nosso vocabulário com expressões como "mel na boca", "lua de mel" e "doçura", refletindo simbolismos culturais de amor, felicidade e gentileza que enriquecem nossa linguagem.

Leia Mais **Page A10**

OPINIÃO



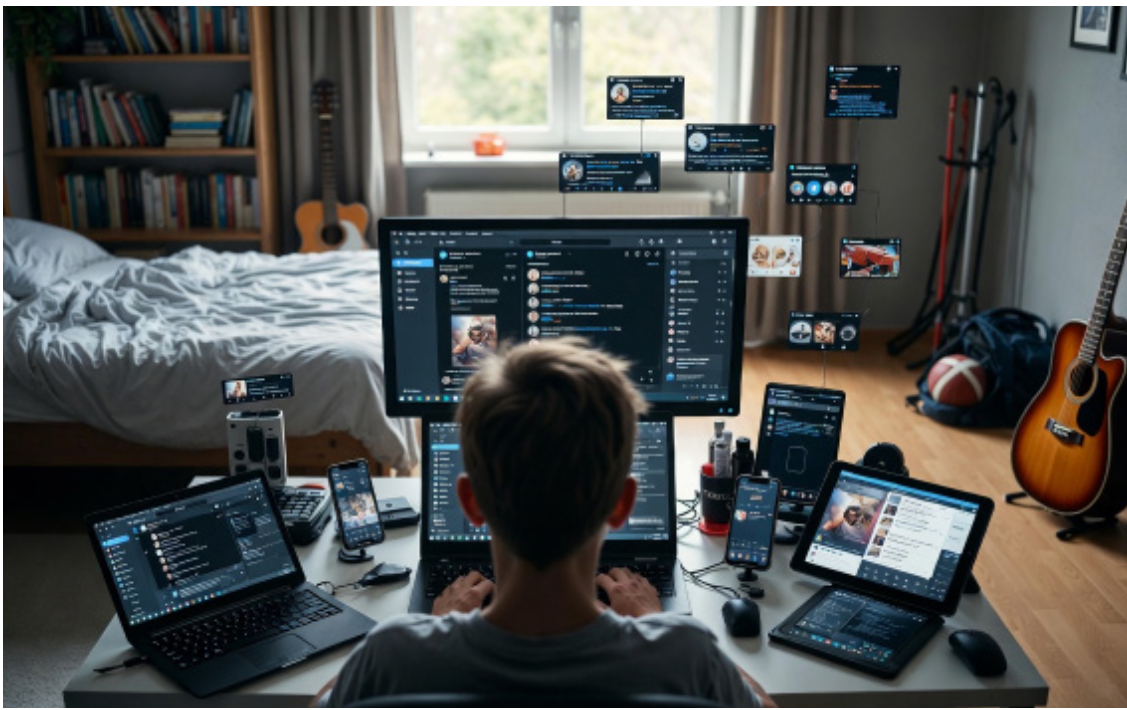
O consumo:

Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

Como a Era Digital Transformou Cidadãos em Sujeitos do Desempenho que Buscam Analgésicos Digitais para Escapar da Realidade.

Leia Mais **Pag A20**

A era digital e a Adolescência



Por Cláudia Faggi
COLUNISTA



A era digital transformou radicalmente a adolescência: jovens passam mais de 6 horas diárias conectados, enfrentando riscos como cyberbullying e dependência de likes, mas também descobrindo oportunidades de aprendizagem e expressão. Especialistas recomendam estratégias práticas de autoconsciência, limites realistas e apoio parental para estabelecer relação saudável com tecnologia.

Leia Mais **Pag A16**

FILOSOFIA



Nietzsche, Niilismo e Cristianismo:

Ética Entre a Morte de Deus e a Criação

Por Magna Aspásia
COLUNISTA

Friedrich Nietzsche e a Travessia dos Abismos Mais Sombrios da Modernidade: Do Vazio Niilista à Coragem Criadora

Leia Mais **Pag A14**

COMPORTAMENTO



Adolescentes e viagens em família:

Desafios e descobertas na bagagem.

Por Cláudia Faggi
COLUNISTA

Como Transformar Momentos de Tensão em Memórias Afetivas: Estratégias para Viajar com Adolescentes Sem Perder a Sanidade

Leia Mais **Pag A16**

LITERATURA



Mofados Morangos do Amor

Uma Crônica que Conecta os Morangos Mofados de Caio Fernando Abreu à Febre Digital Contemporânea

Por Aline Abreu Santana
COLUNISTA

Através da história de Dona Maria, que encontra na venda dos doces uma oportunidade de sobrevivência, a narrativa explora como o morango simboliza diferentes épocas: da angústia da ditadura ao espetáculo digital atual, revelando permanências na condição humana.

Leia Mais **Pag A3**

Os ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



1901
Sully Prudhomme
(França)



1902
Theodor Mommsen
(Alemanha)



Leia Mais **Pag A6**

CULTURA



Grupos de Reisados:

Importância Histórica e Cultural

Por Beth Baltar
COLUNISTA

Reisado ou Folia de Reis é manifestação cultural religiosa de origem europeia trazida pelos portugueses, celebrada de 24 de dezembro a 6 de janeiro em diferentes regiões brasileiras. Composta por cantos, versos, coreografias e artesanato, é conduzida por grupos familiares com mestres, reis magos e brincantes, preservando tradições centenárias e sendo reconhecida como patrimônio cultural imaterial em diversos estados.

Leia Mais **Pag A11**

COMPORTAMENTO

Por que nos apegamos tanto à nostalgia?

O Encontro Bonito Entre Quem Fomos e Quem Somos: Compreendendo o Poder Psicológico da Saudade do Passado

Pag A17

SAÚDE & BEM-ESTAR

Quando a canção desperta a memória: o poder da música no Alzheimer

Como Canções Significativas Funcionam Como Pequenas Chaves que Abrem Portas.

Pag A18

LITERATURA

Nas teias do amor e da poesia: a visão de Edgar Morin

Como o Filósofo da Complexidade Entrelaça Amor e Poesia na Tapeçaria do Viver Humano

Pag A8

QR CODE

Aponte a camera do seu celular



PARTICIPE!

Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao SITE e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição no quadro "REFLEXÕES & COMENTÁRIOS"





José de Alencar: O Arquiteto Cultural que Inventou o Brasil Literário e Fundou Nossa Identidade Nacional



LITERATURA - Leia no site

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

O homem, a obra e o projeto de uma nação narrada por si mesma



No Brasil do século XIX, recém-independente e ainda preso às sombras culturais da Europa, havia uma busca silenciosa por identidade. A política já dera seus primeiros passos, a economia ainda engatinhava, mas a literatura, esse espelho profundo das nações, permanecia órfã de voz própria. Foi nesse contexto que surgiu José de Alencar, um escritor que não se contentou em apenas seguir modelos. Ele decidiu fundar uma literatura. Mais do que um romancista, foi um arquiteto: alguém que compreendeu que o Brasil só seria verdadeiramente Brasil quando fosse capaz de narrar a si mesmo.

A vida de Alencar, tão cheia de contradições, paixões e ambições, é inseparável de sua obra. O escritor nasceu em 1829, em Messejana, no Ceará, e cresceu rodeado por debates políticos, pois era filho de uma figura poderosa do Império: José Martiniano de Alencar, ex-padre que se tornou senador. Desde cedo, o jovem José foi exposto à retórica, ao debate, à ideia de que o destino de uma nação é moldado tanto por leis quanto por palavras.

Ainda criança, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, centro do poder imperial. Essa transição, do sertão cearense à corte, marcaria profundamente sua obra, dividida entre a nostalgia das raízes e a crítica mordaz à vida urbana e às falsas virtudes da elite carioca. Essa dualidade, sertão e corte, terra e civilização, Brasil profundo e Brasil oficial, é o coração pulsante de sua literatura.

Formado em Direito em São Paulo e Olinda, Alencar poderia ter seguido carreira jurídica convencional, mas seu destino inclinava-se para outro caminho. Ainda jovem, tornou-se jornalista combativo, crítico teatral e cronista social. A palavra era sua arma. E foi escrevendo no Diário do Rio de Janeiro que descobriu sua verdadeira missão: inventar o Brasil pela literatura.



A Construção do Mito: O Projeto Literário de José de Alencar

A grandeza de Alencar está em sua visão de conjunto. Ele não escreveu romances ao acaso: planejou um sistema literário capaz de mapear o Brasil em suas múltiplas facetas. Sua obra se divide em três grandes eixos que funcionam como pilares de um projeto nacional ambicioso.

Primeiro, o indianismo: o passado mítico do Brasil, aquele momento fundador onde se encontram o selvagem e o civilizado, gerando uma nova raça, uma nova nação. Segundo, o

romance urbano: o presente crítico da corte, aquele espaço onde a hipocrisia social se manifesta em toda sua nudez, onde o dinheiro corrói os sentimentos e as aparências enganam. Terceiro, o regionalismo: a diversidade geográfica e cultural do país, aquela multiplicidade de Brasis que existem para além do Rio de Janeiro, cada um com sua própria linguagem, seus próprios heróis, suas próprias histórias.



Essa tríade formava um projeto de nação: passado, presente e território. É impossível compreender a literatura brasileira sem entender como Alencar a arquitetou com precisão de engenheiro e sensibilidade de poeta.

O Indianismo: A Fundação de uma Mitologia Nacional

Quando Alencar começou a escrever seus romances indianistas, fez algo que nenhum escritor brasileiro havia feito antes com essa envergadura: criou heróis nacionais. Não heróis políticos ou militares, mas heróis da imaginação, símbolos que pudessem ocupar o mesmo espaço na consciência coletiva que os cavaleiros medievais ocupavam na imaginação europeia.



Em O Guarani, publicado em 1857, surge Peri, um indígena idealizado, nobre, leal, cuja devoção quase mística à jovem Ceci representa o encontro entre o indígena e o colonizador europeu. Mais do que uma história de amor, o romance inaugura a mitologia do bom selvagem brasileiro, mostrando o indígena como herói fundador. Peri não fala como índio: fala como cavaleiro medieval. Age com a honra de um herói de romances europeus. Essa escolha não é ingenuidade; é estratégia estética deliberada: elevar o indígena ao panteão dos heróis nacionais, criar para o Brasil uma genealogia épica que pudesse rivalizar com as tradições europeias.

Mas foi em Iracema, publicado em 1865, que Alencar atingiu seu ponto máximo de lirismo e profundidade simbólica. A protagonista, "a virgem dos lábios de mel", é símbolo puro, quase uma personificação da própria terra brasileira. Seu amor por Martim, o colonizador português, gera Moacir, o primeiro cearense, metáfora do nascimento do Brasil mestiço. A morte de Iracema, consumida pela saudade, longe de sua terra, é uma síntese da tragédia indígena: a cultura que se entrega, se mistura e desaparece. A prosa poética de Alencar, cheia de cadências, metáforas e imagens naturais, transformou o romance em um dos textos mais belos da literatura brasileira, uma obra que ainda hoje emociona leitores pela sua beleza quase insuperável.



Em Ubirajara, seu último romance indianista, Alencar retrocede ao Brasil pré-colonial, retratando o indígena como sujeito de sua própria história. Aqui não há colonizador, não há encontro: há apenas honra, guerra, rito, mito. Ainda idealizado, mas com uma intenção diferente: mostrar que a cultura indígena tem dignidade própria antes da chegada do europeu. O indianismo alencariano, por mais criticado que seja hoje por sua idealização, cumpre papel fundamental: cria para o Brasil um passado mítico, um ponto de partida simbólico que permite ao país se imaginar como nação com história própria.

O Romance Urbano: O Espelho da Hipocrisia Carioca

Se o indianismo eleva e poetiza, o romance urbano desnuda e critica. Alencar, vivendo no Rio de Janeiro, conhecia intimamente as engrenagens da elite imperial: as festas, os negócios, os casamentos arranjados, as aparências sociais que mascaram interesses mesquinhos. Seus romances urbanos são radiografias precisas, às vezes implacáveis, dessa sociedade que ele tanto criticava quanto integrava.



Lucíola, publicado em 1862, foi uma obra chocante para a época. Ao dar protagonismo a uma cortesã, Alencar desafiou as convenções morais da sociedade carioca. Lúcia é uma mulher dividida entre a sensualidade e o desejo de redenção, entre a necessidade de sobreviver e o anseio por dignidade. O romance expõe a hipocrisia que condena a mulher "caída" mas absolve os homens que a frequentam. Aqui, Alencar é verdadeiramente moderno: humaniza o marginalizado, critica o preconceito e revela o teatro social da corte com uma precisão que desconforta.

Em Diva, publicado dois anos depois, a protagonista Emília usa sua beleza como arma de poder. Manipula, seduz, escolhe, comanda. É uma personagem forte, antes das feministas, que demonstra como uma mulher inteligente pode usar as armas que a sociedade lhe oferece para conquistar poder em um mundo dominado pelos homens. O romance mostra a mulher como sujeito ativo, algo raríssimo na literatura brasileira de então.



Talvez o ápice do romance urbano de Alencar seja Senhora, publicado em 1875. A obra expõe o casamento como transação financeira. Aurélia Camargo, jovem rica, bela e orgulhosa, "compra" o homem que antes a rejeitara. Aqui, Alencar subverte papéis sociais de forma radical, criticando o materialismo

e a moralidade superficial da elite com uma acidez que não poupa ninguém. Os romances urbanos de Alencar são preciosos não apenas pela trama, mas pela crítica social: neles, a literatura funciona como lente de aumento das contradições brasileiras.

O Regionalismo: Os Muitos Brasis

Alencar sabia que o Brasil era maior do que o Rio de Janeiro. Sabia que o país não cabia na corte, que havia uma multiplicidade de Brasis esperando por representação literária. Por isso escreveu romances que retratam regiões distintas, em uma busca quase antropológica pela essência do território nacional.



Em O Sertanejo, publicado em 1875, Arnaldo é um herói nascido da seca, da caatinga, da luta diária pela sobrevivência. No sertão, a honra não é conceito abstrato: é código de vida, é aquilo que sustenta a dignidade humana diante da adversidade. Alencar descreve a natureza, o cavalo, o gado, o clima, tudo com a precisão de quem conhece profundamente aquela realidade. Aqui, o Brasil profundo ganha voz literária pela primeira vez com essa envergadura.

Em O Gaúcho, publicado em 1870, em terras de fronteira, o gaúcho vive segundo sua própria lei. Liberdade, violência, honra e lealdade são os elementos centrais desse universo. O romance coloca no centro um personagem brasileiro ignorado pela literatura carioca, oferecendo ao leitor urbano uma janela para um mundo que lhe era exótico e desconhecido.

Til e O Tronco do Ipê exploram a vida rural do Sudeste, revelando costumes, tradições e modos de vida que contrastam com o Brasil urbano. Alencar captura a fala do povo, o cotidiano das fazendas, as tensões entre classes, criando um retrato vivo de uma realidade que merecia ser contada.

O Guardião da Língua Brasileira

Se Alencar tivesse escrito apenas romances, já seria grande. Mas ele fez mais: lutou pela língua brasileira como se fosse uma questão de vida ou morte para a nação.

No século XIX, gramáticos portugueses acusavam autores brasileiros de "deturpar" o português. Alencar bateu de frente com eles. Defendeu o uso de palavras indígenas, africanismos, expressões populares, sintaxes próprias. Para ele, o Brasil deveria ter sua própria língua: viva, mestiça, tropical, e não depender do padrão europeu como se fosse ainda uma colônia cultural.

Essa defesa não era apenas estética: era profundamente política. Era a segunda independência do Brasil, a cultural. Décadas depois, os modernistas apenas confirmariam o que Alencar já sabia: o português do Brasil é outro, e deve ser celebrado, não suprimido em nome de uma pureza linguística que não existe.

A Vida Política: Ambição, Glória e Frustração

José de Alencar foi também político atuante: deputado, polemista, orador inflamado cujos discursos eram publicados nos jornais e debatidos nas ruas. Em 1868, tornou-se Ministro da Justiça. Parecia ser o auge de uma carreira política brilhante. Mas seu maior sonho, tornar-se Senador Vitalício como o pai havia conquistado, foi destruído quando Dom Pedro II vetou seu nome em 1869.

A humilhação o marcou profundamente. Nos anos seguintes, sua obra adquire tons mais sombrios, denunciam com maior veemência a hipocrisia social e revelam um desencanto que antes não estava presente. Alencar nunca mais seria o mesmo. Mas continuaria criando, até os últimos dias, como se a literatura fosse o único espaço onde sua voz pudesse ser verdadeiramente ouvida.

A Doença, o Exílio Voluntário e a Morte

A tuberculose o acompanhou desde cedo, como uma sombra silenciosa. Nos anos finais, piorou significativamente. Desesperado, buscou tratamento na Europa, passando tempo em Portugal, na Itália, na França, consultando os melhores médicos, experimentando os tratamentos mais avançados. Mas a tuberculose é implacável. Nenhum médico, por mais eminente que fosse, tinha a solução.

Durante essas viagens, Alencar continuava a escrever. Mesmo doente, mesmo longe de sua terra, continuava criando. Havia uma urgência em sua escrita, uma sensação de que o tempo estava se esgotando. Em 1877, retornou ao Brasil e faleceu aos 48 anos, jovem, mas imortal pela literatura. Seu filho Mário continuaria seu legado, ajudando a fundar a Academia Brasileira de Letras e preservando a memória do pai.

O Legado de um Arquiteto Cultural

José de Alencar deixou uma obra que inventou o mito de origem do Brasil, criou tipos humanos nacionais que ainda habitam nossa imaginação, mapeou linguisticamente o país, denunciou a elite urbana, antecipou temas que seriam desenvolvidos por gerações futuras, abriu caminho para Machado de Assis e fundou a literatura brasileira tal como a conhecemos.

Hoje, ler Alencar é reencontrar o Brasil no momento exato em que aprendeu a se mirar no espelho. Ele não apenas escreveu romances: escreveu o imaginário nacional. Em uma época de identidades fragmentadas, globalização e perda de referências culturais, a obra de Alencar permanece essencial. Ele nos lembra que uma nação precisa contar sua própria história, que a língua é um instrumento político, que o Brasil é múltiplo, complexo e diverso, que a literatura tem poder de transformar consciências.

José de Alencar não foi apenas um escritor: foi o primeiro grande engenheiro da identidade brasileira. Cada capítulo que escreveu, cada paisagem que descreveu, cada personagem que criou foi um tijolo na construção da nossa cultura. Ele inventou o Brasil que ainda estamos tentando ser.



IMAGEM GERADA POR IA "usando ChatGPT 5.2, sob a direção de JB Wolf, Criada em 29/12/2025"

Linhas Cruzadas: Mofados Morangos do Amor



Por Aline Abreu Santana
COLUNISTA

Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras e Empreendedorismo, Professora de Português e Literatura e atua como palestrante internacional e pesquisadora em educação e tecnologias educacionais.

@prof.alineabreu

A angústia da ditadura ao espetáculo digital atual, revelando permanências na condição humana.

Há símbolos que parecem carregar em si a ironia do tempo. O morango, por exemplo. Em Caio Fernando Abreu, nos Morangos Mofados, ele não é fruta fresca nem promessa de doçura, mas sinal de decomposição. Ali, a vida se confunde com mofo, com o peso de uma sociedade sufocante, com a angústia de quem tenta existir quando tudo ao redor ordena silêncio. O morango é desejo interrompido, afetividade ferida, juventude consumida pela repressão.

Já nas redes sociais, o mesmo morango reaparece reluzente, coberto por caramelo vermelho e envolto em brigadeiro branco: o morango do amor. Bonito de ver, estalando sob os dentes, tornou-se a febre doce de um país acostumado a transformar carência em espetáculo. Se nos anos da ditadura os morangos mofavam em silêncio, agora eles brilham em filtros e stories, vendidos em embalagens que prometem amor crocante, ainda que passageiro.

O contraste é quase cruel. De um lado, Caio escancarava a dificuldade de ser e de amar sob a opressão, mostrando personagens que se desfaziam em angústia, como frutas esquecidas na geladeira. De outro, as vitrines digitais oferecem a ilusão de que o amor pode ser comprado por unidade, açucarado e pronto para a foto.

Dona Maria vivia de pequenos improvisos para manter a casa. A aposentadoria mal dava para as contas, e os filhos, cada um atolado em suas próprias dificuldades, pouco podiam ajudar. O dinheiro era contado como grãos de arroz na panela, sempre calculado para durar até o fim do mês. Foi nesse cenário de apertos silenciosos e de uma esperança que teimava em não morrer que ela começou a prestar mais atenção ao que via no celular, acreditando que talvez ali estivesse uma chance de mudar um pouco o destino da família.

Após umas noites acompanhando no Instagram a tal história do morango, teve uma ideia para aumentar o lucro da família.

— Ah, de manhã vou à frutaria comprar morangos... — murmurou, como quem anuncia um segredo a si mesma.

No dia seguinte, trouxe as caixas abarrotadas, o vermelho vivo brilhando sob a luz do mercado. Os netos a ajudavam na cozinha, moldando o brigadeiro, mexendo o caramelo, mergulhando os frutos que estalavam ao tocar a água fria.

semana sem precisar pedir fiado e ainda comprar os remédios da pressão que vinha adiando. Pela primeira vez em muito tempo, o dinheiro não era apenas aperto; era alívio. A esperança girava em torno daqueles frutos caramelizados, como se o vermelho brilhante fosse um amuleto contra o mofo do passado.

Mas, depois do primeiro mês, veio a crise. O morango havia sumido das frutarias. A fama fora tanta que quem tinha para vender pedia dez reais por unidade. Dez reais por um morango in natura! Como fazer o doce, embalá-lo, vendê-lo

valia a pena plantar sem saber se conseguiriam colher.

As manchetes falavam de bandejas que custavam R\$25 no início do inverno e agora ultrapassavam R\$60. Um morango por R\$10, quem diria? Dona Maria olhava para o jornal e se perguntava: como competir? Como continuar vendendo o doce se a fruta virou artigo de luxo?

Lucas, curioso, lia as matérias ao lado da avó.

— Vó, olha aqui: até os agricultores estão

parecia um sobrevivente esquecido, duro por fora, mas ainda guardando um coração úmido e vermelho. Pensou em como a vida inteira tinha sido assim: entregar o melhor para os outros e ficar com o resto para si.

Suspirou. O morango agora estava ali, pronto para ser fotografado, mesmo gasto pelo tempo. Mas em sua lembrança ainda existia aquele outro, o morango mofado de Caio Fernando Abreu, sufocado, consumido em silêncio, testemunha de uma geração marcada pela repressão.

— Que ironia... — murmurou, antes de morder devagar a casquinha crocante.

No fundo, os dois morangos se encontram, o da Dona Maria e o de Abreu. Eles encontram-se na condição humana: o desejo de resistir, mesmo quando o tempo apodrece a esperança; a vontade de doçura, mesmo sabendo que ela se parte no primeiro estalo. Entre o mofo e o caramelo, permanece a mesma pergunta de sempre: o que é que, afinal, conseguimos preservar de nós quando o mundo insiste em nos consumir?

Dona Maria, encostou as costas na cadeira, os olhos estavam úmidos, e deixou o gosto se dissolver na boca. Pela primeira vez desde o início da febre, comeu o próprio doce. E compreendeu que, por trás de cada mordida, o que restava mesmo era a luta diária para não deixar a vida azedar antes da hora.

E, entre o estalo do caramelo e a acidez da fruta, compreendeu: cada geração tem o morango que merece.

Conexão com “Morangos Mofados” de Caio Fernando Abreu. A crônica dialoga diretamente com a obra de Caio Fernando Abreu ao utilizar o morango como metáfora de tempos distintos. Em Morangos Mofados, a fruta simboliza a angústia, a opressão e o sufocamento da vida durante a ditadura militar, quando os desejos eram silenciados e a juventude definhava como frutos esquecidos. Já na crônica, o morango reaparece como o doce da moda, o morango do amor, reluzente, açucarado, pronto para ser exibido nas redes sociais e consumido como espetáculo. Essa conexão evidencia o contraste entre o passado marcado pela repressão e mofo e o presente embalado pelo brilho superficial do consumo. No entanto, em ambos os contextos, o morango conserva um mesmo traço simbólico: ele revela como cada geração encontra no fruto um reflexo de sua própria condição, seja a dor da sobrevivência em silêncio, seja a ilusão de uma felicidade açucarada e passageira.



Caio Fernando Abreu - Foto Publicação



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/12/2025”

Logo, a mesa se encheu de morangos reluzentes, parecendo pedras preciosas prontas para a venda.

— Vó, isso vai dar dinheiro? — perguntou Lucas, lambendo de leve o dedo sujo de doce.

— Dinheiro não sei, meu filho. Mas vai dar esperança. E, às vezes, é o que as pessoas mais compram.

Ela ajeitou os morangos em pequenas embalagens de plástico transparente. Cada um parecia prometer mais do que sabor, como se dissesse em silêncio: “Aqui dentro há amor, basta morder”.

À noite, depois da primeira leva vendida na pracinha do bairro, Dona Maria sentou-se cansada, mas sorridente. Pegou um dos morangos e ficou olhando para ele, imóvel, como se enxergasse ali outro tempo. Lembrou-se das páginas de Morangos Mofados que lera escondida nos anos de chumbo, do medo que corria pelas ruas, das vozes caladas.

Foi assim por quatro semanas: o morango virou febre nas redes e, graças a Deus, também na vizinhança. Agora, ela vendia de casa mesmo. Os outros é que vinham buscar os novos doces. Dona Maria pôde pagar a conta de luz atrasada, o gás que já estava por vencer, repor a feira da

e ainda ter lucro? Onde achar mais morangos?

As mãos de Dona Maria tremiam diante da caixa quase vazia sobre o balcão da cozinha. Os vizinhos batiam no portão perguntando quando sairia a próxima leva. O celular apitava com mensagens de encomenda. O doce que nascera como salvação agora parecia uma sombra ameaçadora: e se a febre passasse? E se, de repente, todos esquecessem?

Naquela noite, em silêncio, ela olhou para os poucos morangos que ainda restavam. O cheiro doce da calda endurecida parecia zombar de sua preocupação. Lembrou-se de novo de Caio Fernando Abreu: os morangos mofavam porque ninguém podia resistir ao tempo. Talvez, pensou, a vida fosse mesmo feita disso, a oscilação entre a fruta fresca e o mofo, entre o brilho passageiro e a decomposição inevitável.

Foi nessa mesma época que Dona Maria começou a ouvir no rádio e ver nos jornais de TV o que agora confirmavam também os portais de notícia: a febre do morango do amor tinha explodido não só nas praças e nas redes sociais, mas também na economia. A pequena cidade de Bom Princípio, no Rio Grande do Sul, chamada de “capital estadual do moranguinho”, já não dava conta da demanda. A produção caía, os preços subiam, e produtores reclamavam que não

dizendo que os jovens não querem mais sujar as mãos. Querem ar-condicionado. Quem vai plantar morango, então?

Dona Maria suspirou, ajeitando o avental.

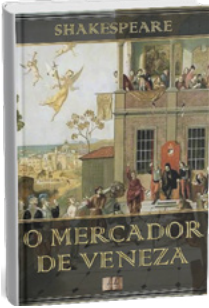
— É sempre assim, meu filho. Quando a cidade descobre um gosto, a roça paga o preço.

E assim, o que começara como uma oportunidade de sobrevivência para uma família pobre no bairro, revelava-se apenas mais um capítulo de um país onde até o fruto mais simples, vermelho e doce, podia se tornar símbolo de desigualdade. Enquanto os influenciadores postavam vídeos mordendo a casquinha crocante, Dona Maria fazia contas, calculando se conseguiria manter acesas as luzes da cozinha.

Ela olhou no fundo da geladeira e encontrou um último morango que sobrara. Estava velho, adocicado pelo tempo, já de uns três dias, sem chance de ser vendido. Pegou-o com as mãos trêmulas e decidiu que, ao menos uma vez, provaria o doce que até então só preparava para os outros.

Sentou-se sozinha à mesa da cozinha, a luz fraca iluminando o caramelo opaco que já não tinha o mesmo brilho dos primeiros. O morango

Indicação de leitura | Siga o Canal no Whatsapp, acesse o Link e Baixe no Canal do telegram



"O Mercador de Veneza"

O mercador de Veneza é uma das obras mais polêmicas de William Shakespeare. Aborda o choque entre diferentes culturas, tema tão presente hoje como na Inglaterra do século XVI. Tradicionalmente classificada como comédia, apresenta elementos típicos do romantismo.

FAZER DOWNLOAD



Indicação de leitura | Siga o Canal no Whatsapp, acesse o Link e Baixe no Canal do telegram



"Oteló"

Em Veneza, Oteló, um general mouro a serviço do Estado, conquista Desdêmona, uma jovem, filha de um nobre local. Após enfrentar a ira do pai e defender-se com sucesso contra a acusação de tê-la "enfeitiçado", ele parte a Chipre em companhia da esposa para combater o inimigo turco?otomano. Lá, seu alferes, o manipulador Iago, consegue paulatinamente instilar na mente do mouro a suspeita de que Desdêmona o traiu. Oteló é a tragédia em que Shakespeare estudou os mecanismos da imaginação, da paixão e do ciúme. Em nova tradução de Lawrence Flores Pereira, que recria a linguagem grandiosa de Oteló e a prosa nefasta de Iago, esta nova edição é acompanhada de uma longa introdução e notas contextuais do tradutor, bem como de um ensaio de W. H. Auden.

FAZER DOWNLOAD



The Bard News

Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

EXPEDIENTE

Entre palavras, cores e ideias, The Bard News constrói pontes entre leitores, autores, artistas e o mundo. Aqui, cada edição é feita com paixão, escuta e a certeza de que a cultura transforma.

Edição: Vol 2 Jornal Nº 5 - Janeiro/2026
Direção Geral: J.B Wolf
Editor-Chefe: J.B Wolf
Conselho Editorial: [Lista de membros]
Redação: [Redatores, jornalistas, estagiários]
Coordenação de Arte e Design:
Agência The Wolf Bard
Suporte Técnico: [TI e Web]
Contato: redacao@thebardnews.com | Instagram: @thebardnews
Endereço: Águas Claras, Brasília - DF
Colaboradores: [Convidados]
Contato para publicações: participe@thebardnews.com

"O The Bard News é um convite aberto. Envie seu texto, arte ou sugestão e faça parte deste movimento."

Colunistas fixos: [colunistas especiais]

J.B Wolf

Cláudia Faggi

Drika Gomes

Renata Munhoz

Beth Baltar

Mariana Pacheco

Magna Aspásia

Aline A. Santana

Stella Gaspar

Jeane Tertuliano

ANUNCIE:

- Publicidade no Site
- Publicidade no Modelo Impresso em PDF interativo
- Classificados
- Vitrine The Bard

CONTATO/WHATSAPP:
(61) 9 8474-7033

LITERATURA

CRÔNICAS

Passo a Passo



POR
Neri Luiz Cappellari

Hoje, como faço em todas as sextas-feiras, fui à fruteira. Normalmente esse dia é de muitos compromissos. Os ponteiros do relógio comandam a minha agenda, mas, mesmo assim, não deixo de ir à feira. Ela fica um pouco distante, a oito quadras para ser mais exato, mas tem os melhores e os mais frescos legumes e frutas do bairro. Após uma longa e minuciosa escolha de vários produtos, consegui encher o carrinho. Logo depois, dirigi-me ao caixa. Após o registro dos produtos, levei a mão ao bolso para retirar a carteira. Para minha surpresa, não a encontrei. Imediatamente me lembrei que a havia esquecido em casa. Pedi ao caixa para colocar as compras em um lugar reservado, enquanto eu ia buscar a carteira.

O fato de ter que caminhar oito quadras na ida e oito quadras na volta fazia meu sangue ferver na manhã daquele dia. Durante a primeira metade do percurso de retorno a casa, fiquei falando comigo mesmo e estava completamente irritado com o meu lapso de memória. Como eu pude ir à feira sem o elemento mais importante para adquirir os produtos: o dinheiro. Estava indignado com meu esquecimento e certamente possuía um olhar de poucos amigos. A passos largos, ia contando os minutos para chegar ao meu destino.

Contudo, à medida em que fui caminhando, comeci a perceber que fazia um belo dia. O Sol brilhava com toda a sua grandiosidade e parecia não se importar com a minha indignação. Eram 9 horas daquela sexta-feira. O prenúncio da primavera mostrava-se com todo o seu esplendor naquela manhã de setembro. Os ipês amarelos floridos espalhados ao longo do meu caminho estavam nem um pouco preocupados com meu estado de mau humor.

Aos poucos, conforme me acalmava, a nuvem negra que pairava somente sobre a minha cabeça foi se dissipando. Afinal, uma carteira esquecida despontou um belo e ensolarado dia. Quando finalmente cheguei em casa, já estava com o semblante mais leve e bem humorado. Peguei a carteira, que pacientemente me aguardava, em cima do móvel de cabeceira do meu quarto, e retornei à mercearia. Mais oito quadras me distanciavam do outro destino, porém, àquela altura, já estava conformado com a situação.

Quando retornei à mercearia, alguma coisa tinha mudado dentro de mim. O mau humor da vinda já tinha ido embora. Estava feliz e agradei a minha carteira por ter aberto meus olhos e ter me proporcionado aqueles momentos de lucidez. Passei inúmeras vezes por esse mesmo caminho em vários anos de feira. Os mesmos edifícios, as mesmas casas, a mesma praça, a mesma rua, a mesma calçada. Entretanto algo ocorreu naquela ensolarada manhã de primavera. A mudança não estava nos lugares que eram sempre os mesmos, mas, sim, na maneira com que eu passei a vê-los.

A agenda poderia ser remarcada, e os compromissos não deixariam de ser cumpridos. Aquele início de um final de semana estava me ensinando algo. Podemos percorrer o mesmo percurso inúmeras vezes, porém uma perspectiva diferente sobre esses caminhos é que pode definir formas mais humanas de um olhar. À medida em que eu me deslocava, os passos, antes largos, agora eram substituídos por um caminhar mais leve e mais curto.

Pressa para quê? – pensei comigo mesmo.
O passo a passo é que define a jornada...



Miniconto

A Sétima Tranca



POETA & ESCRITOR
J.B Wolf

Toda noite,
ela conferia a tranca da porta sete vezes
antes de se deitar.
Era um ritual sagrado contra o
caos do mundo.
Mas naquela noite, exausta,
conferiu apenas uma.
E sonhou, pela primeira vez em anos,
com a porta aberta para
um campo ensolarado.

@poetajbwolf



POEMAS

Montanha



POETA
Edna Lessa

@ednalessa_escritora

Amar é escalar montanhas
Estou pronta para começar
Em cada movimento te vejo
Com uma fé inabalável
E com a esperança das manhãs
Eu sei e sinto, estou quase lá...

Escalar é superar desafios
E não hesitarei, estou preparada
Enfrentarei qualquer luta para não perdê-lo
O vento é forte, mas não penso em desistir
Só mais um pouco, estou quase lá
Onde sei que irei te encontrar.

Um movimento errado e
tudo pode desabar
Posso cair, me machucar
Mas amar não é também isso?
Há obstáculos e dor na escalada
Mas se o amor é a recompensa
O que mais devo esperar?
Haverá sempre uma montanha
A visão do inesquecível que toca o céu
E faz transbordar o estado puro da alma.

POEMAS

Quando o tempo se desfaz



POETA
J.B Wolf

@poetajbwolf

Há um lugar onde as horas não passam,
onde teu riso ainda ecoa pelas manhãs
e eu acordo procurando tua voz
nos cantos vazios da casa.

Saudade não é lembrança
é presença que se ausenta,
é o fantasma doce de quem foste
caminhando pelos corredores do peito.

Guardo teus gestos em gavetas secretas:
o jeito como mexias o café,
como tuas mãos dançavam no ar
contando histórias que só eu entendia.

O tempo insiste em seguir,
mas eu permaneço naquele dezembro
quando éramos eternos
e não sabíamos.

Saudade é amor que não morreu,
apenas mudou de endereço
agora mora na memória,
paga aluguel em lágrimas.

E eu aceito essa inquilina eterna,
porque ela traz teu perfume
nos dias mais cinzentos,
porque ela sussurra teu nome
quando o silêncio dói demais.

POEMAS

Floraisou



POETA
Arclly Soares

@ms_arelly

Pelo jardim
Passaram as estações,
Que aprenderam a florescer
Em silêncio.
Desatento sentir
que aperta,
Mesmo de longe.
Dentro de mim
Há vozes antigas
Que desesperam pelo vento,
antes de ele soprar.
Há um tempo
Vi nascer amores intensos
Que partiram

No breve acordo da vida.
Eu permaneço
Sempre estarei.
Amo,
Tecendo na alma
Fios com delicadeza.
Não por medo,
É que o abraço
Guarda um prazo invisível.
E nesse supremo sentir,
Temo o dia
Em que o coração esqueça
Como é arder
E passe apenas
A existir.

POEMAS



POETA
Lilian Barbosa

@amagoreflexivo

Finjo que essa vontade de te ter aqui
comigo bate apenas de raspão, resvalando em
minha mente...
Mas eu sinto!
E vou atrás dessa pancada no peito que
implora por estar contigo.
Sinto-a!
Só para saber se não valeria a pena ter
sentido que batesse mais forte...
Ou se, talvez, fosse melhor nem ter sentido!

Participe e Publique a sua Arte

CLIQUE AQUI!

REVISTA THE BARD®

Revista Atual lançada - 34ª edição Novembro e Dezembro



O AMOR, A ARTE DE TODAS AS ARTES:
"Uma fonte de inspiração e expressão que moldou a comunicação ao longo da história da humanidade"

Clique aqui para acessar

Em Processo Editorial - 35ª edição Janeiro e Fevereiro
Lançamento dia 18 de Janeiro



MEMÓRIA : "A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo."

Clique aqui para acessar

Editais Abertos - 36ª edição Março e abril 2026
Término dia 31 de Janeiro



UMA VIAGEM NOS TEMPOS : "A expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano".

Clique aqui para acessar

Site da Revista The Bard

Clique aqui para acessar

Editais Abertos

Clique aqui para acessar

Instagram

Clique aqui para acessar

Canal no Instagram

Clique aqui para acessar

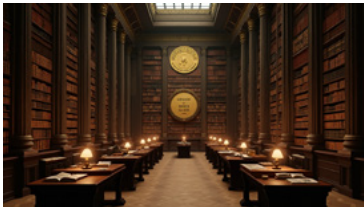
Canal no Whatsapp

Clique aqui para acessar

LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1901 – Sully Prudhomme (França)

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



“Série: Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura”



Sully Prudhomme: O Primeiro Guardião da Honra Literária do Nobel

Quando a Academia Sueca inaugurou o Prêmio Nobel de Literatura em 1901, o mundo ainda não sabia o peso que essa escolha teria nas décadas seguintes. O prêmio que se tornaria o mais cobiçado reconhecimento literário do planeta começou silenciosamente, nas mãos de um poeta francês conhecido por sua sensibilidade delicada, sua busca filosófica e sua escrita profundamente humana. Seu nome era René François Armand Sully Prudhomme, um autor cuja trajetória refletia a própria transição da poesia europeia do século dezenove para o mundo moderno.



Sully Prudhomme não foi escolhido por acaso. Ele representava uma literatura que conciliava estética, moral e reflexão, exatamente como Alfred Nobel imaginara em seu testamento: uma obra que elevasse o espírito, que contribuísse para o progresso humano e que tivesse impacto duradouro. Prudhomme foi, de fato, um símbolo do que o Nobel pretendia consagrar: uma literatura que tocasse a consciência e convidasse o leitor a pensar.

O Nascimento de uma Voz Sensível

Sully Prudhomme nasceu em Paris, em 1839, numa época em que a França era o centro cultural do mundo ocidental. Cresceu em uma família de classe média, com acesso à educação refinada, mas seus primeiros passos não tinham nada a ver com literatura. Estudou engenharia e chegou a trabalhar em escritório técnico, até que a poesia atravessou sua vida como um chamado irrecusável.

Jovem ainda, experimentou uma forte crise de saúde que o afastou da carreira industrial. O corpo frágil o levou para o caminho das letras. Com saúde vulnerável e alma sensível, encontrou na poesia um espaço de reflexão, uma espécie de abrigo para sua inquietação existencial. Ele não foi um poeta de cafés ruidosos e boemia

exuberante. Era introspectivo, silencioso, quase filosófico.

Esse temperamento marcou sua obra para sempre.



A Estética da Harmonia Interior

Ao contrário dos românticos franceses que o precederam, Prudhomme buscava a contenção. Sua poesia não explodia em excessos emocionais. Ela murmurava, meditava, ponderava. Era um poeta da introspecção, alguém que escrevia para entender a alma humana, não para impressionar plateias.



Seu primeiro livro, publicado em 1865 com o título Estâncias e Poemas, chamou atenção imediata. O público encontrava ali uma voz que parecia antiga e moderna ao mesmo tempo. Havia delicadeza, mas também solidez; havia emoção, mas sempre guiada pela razão. Prudhomme criava versos que uniam lirismo e filosofia. Era um poeta de alma matemática e coração artístico.

Sua poesia foi se aproximando, ao longo dos anos, de reflexões cada vez mais filosóficas. Em A Justiça, obra de grande fôlego publicada em 1878, Prudhomme mergulha em temas como responsabilidade moral, destino, solidariedade e a eterna busca humana por sentido. O poeta desperta, ali, ecos dos grandes pensadores gregos e do racionalismo francês. Era poesia, mas também era investigação intelectual.

Esse equilíbrio entre sensibilidade e razão foi decisivo para sua consagração.



A Dor como Origem do Pensamento

A vida de Prudhomme foi marcada por sofrimentos físicos que afetaram sua postura, seu ritmo e sua ligação com o mundo. Problemas nos olhos e doenças crônicas o afastaram de atividades sociais e o empurraram para a leitura e para a escrita. A dor, para ele, era ao mesmo tempo um limite e um portal. Um obstáculo que transformou-se em ferramenta.

Grande parte de seus poemas nasce de uma consciência muito concreta da fragilidade humana. Prudhomme não escrevia sobre grandes aventuras heróicas ou gestos espetaculares. Escrevia sobre melancolia, sobre hesitação, sobre saudade, sobre a necessidade humana de encontrar harmonia interior. Sua poesia tinha intimidade, precisão e profundidade emocional.

Ele era o poeta do silêncio. O poeta do intervalo entre o sentir e o pensar. O poeta que buscava a serenidade dentro da própria dor.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/10/2025”

O Contexto da Escolha da Academia Sueca

Quando a Academia Sueca se reuniu em 1901 para escolher o primeiro vencedor do Nobel de Literatura, buscava alguém que representasse o espírito desejado por Alfred Nobel. Não seria um prêmio apenas para grandes estilos ou popularidade. Seria um prêmio para obras que contribuíssem para o bem-estar moral e cultural da humanidade.



Prudhomme era, portanto, o candidato perfeito.

Seu trabalho unia: refinamento literário, profundidade filosófica, espírito humanista, compromisso com a reflexão moral, equilíbrio entre emoção e razão.

Naquela época, nomes como Tolstói também estavam vivos e produziam obras monumentais. Mas a Academia, seguindo a intenção original de Nobel, buscou honrar uma literatura que fosse voltada à elevação moral e ao progresso espiritual. Prudhomme simbolizava essa visão.

Seu nome, para muitos, foi surpreendente. Mas hoje é compreendido como uma escolha coerente com aquele nascimento do prêmio.

A Poesia que Toca e Educa

Prudhomme acreditava que a poesia tinha um papel civilizador. Não era apenas arte, mas também instrumento de educação emocional. O poeta não deveria apenas comover; deveria também iluminar. Seu ideal literário não era a grandiosidade romântica, mas a clareza moral.

Em seus versos, encontramos: reflexões sobre o tempo humano, busca pela serenidade, memórias de amor e perda, a incessante procura por sentido, o desejo de reconciliação entre intelecto e sentimento.

Era, portanto, um poeta profundamente ético, no sentido mais amplo da palavra. Seus poemas não pregavam doutrinas, mas convidavam ao autoconhecimento.

A Honra de Ser o Primeiro

Receber o primeiro Prêmio Nobel de Literatura é algo que vai além do mérito individual. A escolha de Prudhomme moldou o início de uma tradição centenária. Mostrou ao mundo que o Nobel não celebraria apenas fama, impacto social ou força política, mas sobretudo obras que elevam o espírito humano.

Prudhomme levou esse título com humildade. A saúde já debilitada o impedia de grandes celebrações públicas, mas ele recebeu o prêmio como reconhecimento não apenas de sua trajetória, mas da própria poesia como força civilizadora.

Seu nome, associado ao primeiro Nobel, permanece um marco histórico. Abriu caminho para gigantes que viriam depois, como Tagore, Pirandello, Faulkner, Hemingway, Camus, Neruda, Saramago.

Mas foi Prudhomme quem iniciou a história.

O Legado que Permanece

Com o passar dos anos, Prudhomme ganhou e perdeu visibilidade. Sua poesia, marcada pelo tom reflexivo e contido, não acompanhou a explosão das vanguardas modernistas. Mas sua importância literária não é medida apenas pela popularidade. É medida por seu papel na evolução da poesia francesa, por sua presença marcante no início do simbolismo e pelo impacto intelectual que deixou.



Hoje, estudiosos o veem como um poeta de transição, situado entre o parnaso e o simbolismo, entre o racionalismo e o lirismo emocional. Alguém que tentou conciliar mundos aparentemente opostos. Seu legado vive principalmente nos leitores que o descobrem com calma, nos pesquisadores que analisam sua obra e na honra que carrega como primeiro nome inscrito na história do Nobel.

Sully Prudhomme encarnava aquilo que Alfred Nobel desejava: uma literatura que eleva, que reflete, que humaniza. Um autor cuja sensibilidade transformou dor em beleza e pensamento em poesia.

E, acima de tudo, um escritor que inaugurou a maior honraria literária do mundo com a serenidade de quem sabia que a grandeza está, muitas vezes, na profundidade silenciosa.

LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1902 – Theodor Mommsen (Alemanha)



Sua obra cresceu. Volumes se seguiram. Mommsen trabalhou durante décadas, refinando, expandindo, aprofundando sua compreensão de Roma. A História de Roma se tornou a obra de referência obrigatória para qualquer pessoa que desejasse entender a antiguidade clássica.

O Historiador como Escritor

O que tornava Mommsen tão especial era sua capacidade de escrever história como se fosse literatura. Seus parágrafos tinham ritmo, suas descrições tinham cores, suas análises tinham profundidade emocional. Ele não separava o conhecimento da beleza. Para Mommsen, uma verdade histórica bem expressa era também uma obra de arte.



Sua prosa tinha características marcantes: Clareza absoluta, mesmo ao tratar de temas complexos,

Capacidade de síntese que não sacrificava a profundidade,

Uso de exemplos concretos que iluminavam conceitos abstratos,

Uma voz narrativa que era ao mesmo tempo erudita e acessível,

Paixão intelectual que transmitia ao leitor o entusiasmo pela matéria.

Mommsen escrevia sobre Roma como alguém que amava Roma. Mas era um amor crítico, inteligente. Não idealizava a antiguidade. Reconhecia suas contradições, seus crimes, suas injustiças. Mas também celebrava suas realizações, sua criatividade, sua capacidade de organização.

Além da História: O Intelectual Engajado Mommsen não era apenas um historiador. Era um intelectual engajado nas questões de seu tempo. Participava de debates políticos, defendia causas que acreditava, usava sua influência para promover mudanças sociais. Na Alemanha do século dezenove, isso o colocava frequentemente em posições controversas.

Era liberal em uma época em que o liberalismo era questionado. Defendia a unificação alemã, mas com preocupações sobre como essa unificação se realizaria. Apoiava a educação pública e a reforma social. Sua voz era ouvida não apenas nos círculos acadêmicos, mas também na política e na sociedade.

Essa dimensão política de Mommsen era inseparável de sua obra histórica. Quando escrevia sobre Roma, não estava apenas descrevendo o passado. Estava oferecendo lições para o presente. A história, para Mommsen, tinha propósito: iluminar as questões contemporâneas, oferecer perspectiva, ensinar através do exemplo.

O Reconhecimento Tardio

Quando Mommsen recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1902, já era uma figura lendária. Tinha 84 anos. Havia dedicado mais de meio século ao estudo de Roma. Havia publicado centenas de artigos, dezenas de livros. Havia formado gerações de historiadores. Sua influência era imensa.



Mas o Nobel representava algo especial: o reconhecimento de que história, quando escrita com excelência, é literatura. Que o conhecimento, quando transmitido com beleza, é arte. Que um historiador pode ser tão importante para a cultura humana quanto um poeta ou um romancista.

A Academia Sueca, ao escolher Mommsen, afirmava que o Prêmio Nobel não era apenas para ficção. Era para qualquer obra que elevasse o conhecimento e a compreensão humana. Mommsen havia feito isso de forma magistral.

O Legado de Uma Vida Dedicada

Theodor Mommsen faleceu em 1903, apenas um ano após receber o Nobel. Mas seu legado permanece vivo até hoje. A História de Roma continua sendo lida, estudada, admirada. Gerações de historiadores aprenderam com ele. Seu método de pesquisa, sua abordagem, sua forma de escrever influenciaram a disciplina histórica de forma profunda e duradoura.

Mommsen provou que a história é mais do que um conjunto de fatos. É uma narrativa, uma interpretação, uma forma de compreender a condição humana. O historiador não é apenas um coletor de informações. É um artista que molda esses fatos em uma forma que faz sentido, que educa, que inspira.

Sua obra sobre Roma permanece como testemunho de uma vida dedicada à excelência. Cada página de A História de Roma é resultado de pesquisa meticulosa, reflexão profunda e expressão literária cuidadosa. Mommsen não apenas escreveu sobre Roma. Ressuscitou Roma. Fez com que leitores de séculos posteriores pudessem caminhar pelas ruas de Roma, compreender suas leis, sentir suas contradições, admirar suas realizações.

O Historiador e Seu Tempo

Vivendo na Alemanha do século dezenove, Mommsen foi testemunha de transformações enormes. Viu a unificação alemã, a ascensão da Prússia, as mudanças sociais e políticas que marcaram a Europa. Mas sua obra histórica permanecia centrada em Roma, como se buscasse, através da antiguidade, compreender as questões de seu próprio tempo.

Havia uma lição implícita em sua História de Roma: impérios nascem, crescem, se transformam e caem. Nada é permanente. Tudo está sujeito a mudança. Essa compreensão histórica era tanto uma advertência quanto uma inspiração. Uma advertência sobre a fragilidade das estruturas humanas. Uma inspiração para criar estruturas mais justas, mais sábias, mais duradouras.

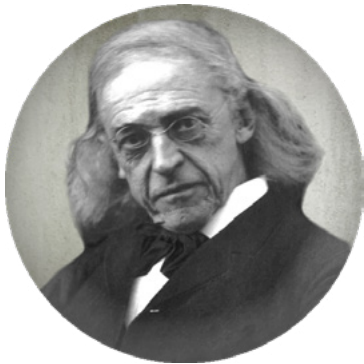
Mommsen acreditava que o estudo da história tinha valor prático. Não era apenas contemplação do passado. Era preparação para o futuro. Era forma de adquirir sabedoria através da experiência de outros povos, outras épocas.

O Historiador Como Guardião da Memória

Theodor Mommsen representa uma tradição de excelência intelectual que transcende disciplinas. Ele foi historiador, mas também era filólogo, jurista, pensador político, escritor. Sua obra demonstra que o conhecimento não é fragmentado, mas integrado. Que a história, quando escrita com profundidade, toca todas essas dimensões.

Receber o Prêmio Nobel de Literatura foi o reconhecimento de que sua vida havia sido bem vivida, seu trabalho bem realizado. Mas para Mommsen, provavelmente, a verdadeira recompensa era saber que gerações futuras leriam sua História de Roma, aprenderiam com ela, se inspirariam nela.

Mommsen provou que um historiador pode ser um grande escritor. Que a verdade, quando expressa com beleza e profundidade, é tão poderosa quanto qualquer ficção. Que dedicar uma vida ao conhecimento, à pesquisa, à compreensão é um ato de amor pela humanidade.



Theodor Mommsen: O Historiador que Ressuscitou Roma

Quando a Academia Sueca anunciou o segundo Prêmio Nobel de Literatura em 1902, surpreendeu muitos ao escolher não um poeta ou um romancista, mas um historiador. Theodor Mommsen, aos 84 anos, já era uma lenda viva na Europa. Sua obra monumental sobre a história de Roma havia transformado a forma como o mundo ocidental compreende a antiguidade clássica. Mas Mommsen era mais do que um acadêmico recluso em bibliotecas. Era um escritor de poder extraordinário, um homem que havia dedicado sua vida a ressuscitar civilizações mortas através da palavra.



A escolha de Mommsen revelava algo importante sobre o Prêmio Nobel de Literatura. Não era apenas para ficção ou poesia. Era para qualquer obra de excelência literária que contribuísse para o conhecimento e a elevação do espírito humano. Mommsen provou que a história, quando escrita com genialidade, é tão literária quanto qualquer romance.

O Nascimento de um Gigante Intelectual

Theodor Mommsen nasceu em 1817, em Garding, pequena cidade na região de Schleswig-Holstein, no norte da Alemanha. Cresceu em uma família protestante de classe média, onde a educação era valorizada e a disciplina era regra. Seu pai era pastor, figura que influenciou profundamente a ética e a seriedade com que Mommsen abordaria seu trabalho.



Desde jovem, Mommsen mostrou capacidade intelectual excepcional. Estudou direito e filologia clássica, combinando duas paixões que marcariam toda sua vida: o rigor jurídico e o fascínio pela antiguidade. Essa dupla formação foi decisiva. Enquanto muitos historiadores viam Roma como um conjunto de histórias e anedotas, Mommsen a via como um sistema legal, político e social de complexidade extraordinária.

Viajou pela Itália, estudou inscrições romanas, examinou moedas antigas, consultou

documentos originais. Não era um historiador de gabinete. Era um investigador obsessivo, alguém que queria tocar as pedras de Roma, sentir o chão onde os imperadores caminharam.

A Obra que Definiu uma Geração

Em 1854, Mommsen publicou o primeiro volume de sua obra magna: A História de Roma. Era um projeto ambicioso como nenhum outro. Não era apenas uma narrativa dos acontecimentos. Era uma reconstrução total da civilização romana, desde seus primórdios até a queda do Império Ocidental. Mommsen escrevia com a precisão de um jurista e a eloquência de um poeta.



O que distinguia A História de Roma de outras obras similares era a forma como Mommsen conseguia fazer o leitor sentir a vida romana. Não descrevia apenas batalhas e imperadores. Descrevia a estrutura da sociedade, o funcionamento da lei, a vida cotidiana, as contradições e as grandezas do povo romano. Seus personagens não eram estátuas de mármore, mas seres vivos, complexos, cheios de ambição, medo e esperança.

Mommsen tinha uma teoria sobre como escrever história. Para ele, o historiador deveria ser capaz de se colocar dentro da mente daqueles que viveram no passado. Deveria compreender suas motivações, seus dilemas, suas escolhas. Isso exigia não apenas conhecimento factual, mas imaginação, sensibilidade e profundidade psicológica.

LITERATURA

Nas teias do amor e da poesia: a visão de Edgar Morin



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar

“Para ele, amor e poesia são inseparáveis, nascendo do desejo de transcender o imediato e criar comunhão com o mistério do viver.”

Edgar Nahoun (mais tarde Morin). Filósofo da complexidade, nasceu em Paris em 1921, francês, de origem judaica sefardita, parcialmente italiano e espanhol, amplamente mediterrâneo, europeu cultural, cidadão do mundo, filho da Terra-Pátria. Sociólogo, antropólogo, historiador, doutor honoris causa em 17 universidades e um dos últimos grandes intelectuais da época de ouro do pensamento francês do século XX. Aos 102 anos, é autor de mais de 60 livros sobre temas que vão do cinema à filosofia, da política à psicologia, e da etnologia à educação. Sua obra mais importante, composta por 6 volumes, não tirando o mérito das outras é: O método.

Assim, se apresenta com uma identidade única e plural. Para Morin, mesmo acreditando nas certezas, precisamos aprender que toda vida é um navegar num oceano de incertezas, atravessando ilhas ou arquipélagos, onde nos reabastecemos. A incerteza e o inesperado precisam ser integrados na História humana.

O amor e a poesia são lembrados por Edgar Morin sob o olhar da complexidade, como fios essenciais na tapeçaria do viver. A



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/12/2025"

palavra complexo deve ser entendida em seu sentido literal: “complexus”, aquilo que se tece em conjunto. Segundo ele, o amor é algo único, como uma tapeçaria tecida com fios extremamente diversos, de origens diferentes. (Morin, 2001, p. 16). Neste sentido, pode-se afirmar que por trás de um “eu te amo”, há um componente físico, biológico, sexual e corporal.

Na perspectiva de Morin, o amor é “encontro e descoberta”, mas é também incerteza, risco e metamorfose, é entrega e o medo de perder-se. O amor, na perspectiva moriniana, é também a experiência do outro, é um mergulho na alteridade. Amar é, ao mesmo tempo, reconhecer e desconhecer, acolher o mistério e o imprevisível. Sendo possível, nossos rostos cristalizarem os componentes do amor. Daí a beleza e o drama do amor na sua essência: criar laços sem jamais aprisionar.

Então, o que é o amor?

Morin vê o amor como uma forma de resistência às crueldades do mundo, promovendo a união e a ética em oposição ao ódio e à separação. Em sua obra Amor, poesia, sabedoria (2001), Morin explora o amor como um elemento que nos conecta com a poesia e a sabedoria, convidando-nos a refletir sobre a importância de amar com a

complexidade da vida, a qual é, ao mesmo tempo, trágica e magnífica. Ele se considera um “eterno amoroso”. Viúvo inconsolável, o sociólogo Edgar Morin escreveu, em 2009, uma declaração de amor à “Edwige”, sua esposa com quem partilhou sua vida durante 30 anos.

Nas palavras de Morin...

“Edwige era uma mulher muito secreta e pudorosa. Com exceção de algumas amigas, as pessoas não a viam senão através das aparências. Então, eu senti a necessidade de fazê-la reconhecer. Era uma pessoa que exalava poesia por sua grande capacidade de admiração. Ela ficava maravilhada com a nossa gata, com a natureza, com as belas coisas da vida. Ela amava a beleza de uma maneira extraordinária e sentia tudo o que é poético na vida. Eu considero que o amor está em um casal quando o outro é fonte de poesia. Se um dos dois deixar de ser isso, não faz mais sentido” (Morin, 2011). Assim, o amor, na poesia da vida, segundo ele, deve espalhar-se pela vida na totalidade, com seus sonhos e acasos.

Nas teias do amor e da poesia: eles inseparáveis.

Para Morin, amor e poesia são inseparáveis. Ambos nascem do desejo de transcender o imediato, de criar comunhão com o mistério

do viver. Nesse sentido, a dimensão poética vai além dos poemas, alcançando a poesia da vida. Desse ponto de vista, parece claro a necessidade de reconhecimento que pode ser manifesto através do amor. Ser amado é ser considerado e digno de amor, ser admirado e visto como uma pessoa amada, boa e bonita, satisfazendo a autoestima, cujo pilar é reconhecer e conferir legitimidade ao outro. Morin diz que ela é um gesto poético, tornando a vida mais ampla, mais porosa, mais verdadeira. Afinal, somos razão, emoção, dedicação e poesia.

O poeta ama o encanto das emoções, das suavidades do amor correspondido.

Para ele, ao abraçarmos o amor e a poesia, tornamo-nos mais inteiros, mais humanos capazes de viver, pensar e sentir com toda a riqueza e ambivalência que a existência nos oferece.

Concluo, desejando que essa narrativa provoque em você, leitor(a), a capacidade imaginativa para a criação de obras-primas de poesias, literaturas e artes, permitindo ao amor revelar a sua beleza secreta.

Quando as Histórias Curam:

Biblioterapia e o Poder Terapêutico da Literatura Infantil

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

Em uma ala pediátrica de São Paulo, uma menina de oito anos se recusa a falar desde que chegou ao hospital. Os médicos tentaram de tudo, os pais estão desesperados, e as enfermeiras já não sabem mais como se aproximar. Até que uma voluntária traz um livro: "O Monstro das Cores", de Anna Llenas. Página por página, a criança começa a apontar para as emoções coloridas do personagem. Primeiro o medo, depois a tristeza, até que finalmente sussurra: "Eu também estou toda misturada por dentro."

Esta cena, que se repete diariamente em hospitais, escolas e consultórios pelo Brasil, ilustra uma verdade que a ciência vem confirmando: as histórias têm o poder de curar. Não de forma mágica ou fantasiosa, mas através de um processo estruturado e fundamentado que a psicologia chama de biblioterapia. É a prova concreta de que a literatura infantojuvenil possui, sim, aquela "urgência mansa" e "força que sussurra" capazes de transformar dores em palavras e medos em compreensão.

A biblioterapia não é uma novidade. Suas raízes remontam à Grécia Antiga, onde bibliotecas eram consideradas "lugares de cura para a alma". No contexto contemporâneo, especialmente aplicada ao público infantojuvenil, ela se define como o uso estruturado da literatura para promover saúde mental, facilitar a expressão de sentimentos e desenvolver estratégias de enfrentamento para situações difíceis.

@poetajbwolf



PARTICIPE DO EDITAL

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI



LITERATURA

Shakespeare no século XXI: modernidade sem perder a tradição



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanertuliano

“Como o Bardo Atravessa Séculos Vestindo Jaquetas de Couro Sem Perder a Essência de Suas Verdades Eternas”



Shakespeare não envelhece. Apenas muda de roupa, veste jaquetas de couro, aparece em telas de celular, atravessa palcos iluminados por refletores de LED, mas continua dizendo verdades que ninguém ousa calar. A alma humana ainda pulsa com os mesmos excessos: o amor de Romeu e Julieta, tão intenso que desafia qualquer época; a ambição de Macbeth, que hoje vestiria terno e gravata; o ciúme de Otelo, tão atual quanto qualquer rede social; a solidão de Hamlet, que caberia em qualquer quarto silencioso do século XXI.



Não é o Bardo que precisa se atualizar, somos nós que precisamos parar para ouvi-lo! Suas palavras têm peso, ritmo, poesia... não pedem tradução para o imediatês de nosso tempo. Quando uma Julieta troca cartas por mensagens digitais, não é para facilitar Shakespeare, mas para mostrar que o coração humano nunca mudou de endereço, apenas trocou o CEP.

A tradição não é prisão; é raiz. Quem arranca raízes para parecer moderno não floresce, murcha. Preservar o texto original não é nostalgia, é respeito por aquilo que exige fôlego. Shakespeare nos obriga a respirar devagar... e isso, hoje, já é um ato de resistência.



Releituras são bem-vindas, desde que dialoguem com a essência. O duende travesso de Sonho de uma Noite de Verão ainda provoca risos, Lear ainda grita contra a ingratidão dos filhos, Ricardo III ainda manobra como qualquer político ambicioso. Modernizar é vestir o clássico com novas cores, não rasgar o tecido que o sustenta.



Shakespeare sobrevive porque fala o que fingimos não ouvir, sobre amor, poder, loucura, medo... sobre nós! Não há século capaz de silenciar uma voz tão humana.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/12/2025”

"O Café Passagem" - Capítulo 4: O segundo Domingo

GÊNERO - CONTO

Por J.B Wolf
ESCRITOR



Recapitulação
Capítulo 3: A Caminhada

Daniel acompanha Luísa até sua casa na Rua das Flores. Durante o percurso, ela testa os conhecimentos impossíveis dele, questionando sobre seu medo de trovões, a coleção secreta de faróis em miniatura e o ponto de nascer da orelha. Cada detalhe se confirma, deixando-a simultaneamente fascinada e aterrorizada. Eles marcam um novo encontro para quarta-feira às três da tarde. Naquela noite, ambos passam em claro: Luísa verificando obsessivamente seus faróis em miniatura, Daniel descobrindo que não consegue mais escrever sobre ela, as páginas permanecem em branco, como se conhecesse-a pessoalmente tivesse quebrado sua conexão com o futuro.

Capítulo 4: O Segundo Domingo

Luísa chegou ao Café Passagem às 10h10, dois minutos antes do horário habitual de Daniel. Escolheu a mesa do canto, a mesa deles, como já pensava, colocou sobre a superfície de madeira escura um exemplar gasto de "Mensagem", de Fernando Pessoa.

Havia passado a semana inteira em estado de suspensão, como se vivesse entre dois mundos. No trabalho, traduzia textos técnicos com a mesma competência de sempre, mas sua

mente vagava constantemente para Daniel e suas impossibilidades. À noite, reorganizava compulsivamente a coleção de faróis, como se pudesse encontrar alguma pista sobre como ele sabia de sua existência.

Quarta-feira havia sido cancelada. Daniel ligara na terça à noite, voz tensa, dizendo apenas que "algo estava errado" e que precisava entender o que estava acontecendo antes de vê-la novamente. Luísa ficou dividida entre alívio e decepção.

Agora, observando a porta do café, sentia o coração acelerar a cada cliente que entrava.

10h12. Daniel apareceu na porta, pontual como sempre, mas algo havia mudado. Seus cabelos estavam mais desalinhados, havia olheiras profundas sob os olhos castanhos, e ele carregava o caderno como se fosse um fardo pesado.

Quando a viu, parou por um momento, como se não esperasse encontrá-la ali.

— Oi — disse Luísa, tentando soar casual. — Oi — ele respondeu, aproximando-se hesitante. — Você veio.

— Você duvidou?

Daniel sentou-se à frente dela, mas não abriu o caderno. Em vez disso, fixou os olhos no livro de Pessoa.

— "Mensagem" — ele murmurou. — Não estava nas minhas...

— Nas suas visões? — Luísa completou.

Ele assentiu, parecendo perturbado.

— Daniel, o que aconteceu esta semana? Por que cancelou quarta-feira?

O garçom trouxe o café sem açúcar e o copo d'água, seguindo o ritual estabelecido. Para Luísa, chá de jasmim. Quando se afastou, Daniel finalmente falou:

— Não consigo mais escrever sobre você. — Como assim?

— Desde domingo passado, quando te conheci pessoalmente, as páginas ficam em branco. É como se... como se você tivesse saído do futuro e entrado no presente.

Luísa sentiu um arrepio estranho, uma mistura de medo e excitação.

— E isso é ruim?

— Não sei — Daniel admitiu. — Nunca

aconteceu antes. Durante três anos, eu via você claramente. Agora, quando tento escrever, só vejo... nada.

— Talvez seja porque agora sou real. Não mais uma visão, mas uma pessoa de verdade, com escolhas próprias.

Daniel ergueu os olhos para ela, e Luísa viu algo que não havia notado antes: vulnerabilidade pura.

— Você trouxe o livro por algum motivo específico? — ele perguntou.

— Você disse que queria ouvir minha voz contando uma história que não fosse a nossa — Luísa sorriu. — Pessoa sempre foi meu poeta favorito. Pensei em ler algo para você.

— Qual poema?

Luísa abriu o livro numa página marcada com um guardanapo do próprio café.

— "Autopsicografia". Sempre me identifiquei com ele.

Ela começou a ler, sua voz baixa e melódica cortando o murmúrio do café:

"O poeta é um fingidor. Finge tão completamente Que chega a fingir que é dor A dor que deveras sente."

Daniel a observava intensamente, como se cada palavra fosse uma revelação.

"E os que leem o que escreve, Na dor lida sentem bem, Não as duas que ele teve, Mas só a que eles não têm."

Quando ela terminou, o silêncio se estendeu entre eles como uma ponte invisível.

— Por que esse poema? — Daniel perguntou.

— Porque fala sobre a diferença entre sentir e escrever sobre o sentimento. Entre viver e descrever a vida — Luísa fechou o livro. — Você passou três anos escrevendo sobre mim, sobre nós. Mas agora estamos aqui, vivendo de verdade. Talvez seja por isso que não consegue mais escrever.

Daniel pegou o caderno e o abriu numa página em branco.

— Posso tentar algo?

— Claro.

Ele começou a escrever, mas não sobre o futuro. Escrevia sobre o presente: a forma como a luz da manhã iluminava o rosto de Luísa, o vapor subindo de sua xícara de chá, o jeito como

ela mordia levemente o lábio inferior quando estava concentrada.

— Está funcionando — ele disse, surpreso. — O quê?

— Consigo escrever sobre você. Mas só sobre agora, sobre este momento.

Luísa se inclinou para ver o que ele escrevia. As palavras fluíam naturalmente, descrevendo não uma visão do futuro, mas a realidade do presente.

— Talvez seja isso — ela disse. — Talvez você não precise ver o futuro. Talvez precise apenas viver o presente.

Daniel parou de escrever e a encarou.

— Mas se eu perder completamente a capacidade? E se não conseguir mais ver nada?

— Seria tão ruim assim?

A pergunta o pegou desprevenido. Ele nunca havia considerado a possibilidade de que perder o dom pudesse ser uma libertação.

— Não sei — admitiu. — É a única coisa que me define há tanto tempo.

— Não é verdade — Luísa disse suavemente. — Você é muito mais do que suas visões, Daniel. É gentil, observador, tem uma forma única de ver o mundo. Essas qualidades não vêm do dom.

Eles ficaram em silêncio por alguns minutos, cada um perdido em seus próprios pensamentos. Finalmente, Luísa perguntou:

— Posso fazer um experimento?

— Que tipo de experimento?

— Feche os olhos e tente escrever sobre amanhã. Não sobre mim, sobre qualquer coisa. O tempo, as notícias, qualquer evento futuro.

Daniel fechou os olhos e posicionou a caneta sobre o papel. Ficou assim por um longo momento, concentrado. Quando abriu os olhos, havia escrito apenas uma linha:

"Amanhã será segunda-feira, e o mundo continuará girando."

— Só isso? — Luísa perguntou.

— Só isso. Antes, eu conseguia ver detalhes específicos: quem ganharia jogos de futebol, que tempo faria, pequenos eventos cotidianos. Agora... nada.

— E como se sente?

Daniel considerou a pergunta cuidadosamente.

— Assustado — ele admitiu. — Mas também... livre? É estranho. Como se eu tivesse vivido a vida inteira olhando para frente e agora, finalmente, pudesse olhar ao redor.

Luísa estendeu a mão sobre a mesa e tocou levemente os dedos dele.

— Talvez seja um presente, não uma perda. — Você realmente acredita nisso?

— Acredito que algumas coisas são mais importantes que conhecer o futuro. Como construir o presente com alguém especial.

Daniel virou a mão e entrelaçou os dedos com os dela. Era o primeiro toque físico deliberado entre eles, e ambos sentiram uma corrente elétrica percorrer a conexão.

— Luísa?

— Sim?

— Posso te fazer uma pergunta que não tem nada a ver com visões ou futuros?

— Pode.

— Você gostaria de jantar comigo amanhã? Como duas pessoas normais que se conheceram num café e querem se conhecer melhor?

Luísa sorriu, e pela primeira vez desde que se conheceram, o sorriso não carregava peso de mistério ou impossibilidade. Era apenas alegria pura.

— Adoraria.

— Ótimo. Porque eu não faço ideia de como vai ser, e isso é a coisa mais emocionante que me aconteceu em anos.

Eles riram juntos, e o som ecoou pelo Café Passagem como uma música nova, uma melodia que não estava escrita em nenhum caderno, mas que nascia espontaneamente do encontro de duas almas que haviam decidido trocar a certeza do futuro pela aventura do presente.

Quando saíram do café naquela manhã, Daniel deixou o caderno fechado. Pela primeira vez em três anos, não havia escrito sobre visões ou destinos. Havia apenas documentado um momento real, vivido, compartilhado.

E isso, descobriram ambos, era muito mais valioso que qualquer futuro que pudesse ser previsto.

CONTINUA...5º Capítulo

CULTURA

O açúcar e sua doçura em nossa língua portuguesa



Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profarenatamunhoz

Quando se aproximaram, viram que a casinha era feita de biscoitos, o telhado de bolo e as janelas eram de açúcar-cande.

João e Maria, Irmãos Grimm



O açúcar, com sua doçura inconfundível, não adoça apenas nossos alimentos, mas também nossa língua portuguesa. A palavra "açúcar" tem uma história rica e fascinante, que remonta ao sânscrito "sharkara", passando pelo árabe "sukkar" e chegando ao português arcaico "açúcar".

Essa trajetória reflete a importância histórica do açúcar, que desde a Idade Média era considerado um artigo de luxo, sinônimo de riqueza e poder. Não à toa, a palavra "açúcar" e seus derivados permeiam nosso vocabulário, expressando diferentes nuances de doçura e prazer.

"Doce", por exemplo, deriva do latim "dulcis" e abrange desde o sabor agradável até a suavidade e a gentileza. "Adoçar" significa tornar doce, mas também suavizar e acalmar. Já "doçura" evoca a qualidade do que é doce, mas também a delicadeza e a ternura.



Expressões como "mel na boca" e "boca de mel" ilustram como a doçura do açúcar se associa à fala agradável e persuasiva. É quem nunca ouviu falar em "lua de mel", a fase inicial do casamento repleta de doçura e romantismo?

O açúcar também está presente em diversas expressões populares, como "chutar o balde de açúcar" (exagerar) e "pão de açúcar" (uma forma de relevo). E na literatura, a doçura do açúcar é frequentemente usada como metáfora para o amor, a felicidade e outros sentimentos positivos.

Em resumo, o açúcar e sua doçura transcendem o paladar, impregnando nossa língua portuguesa de significados e simbolismos que refletem a importância histórica e cultural desse ingrediente tão presente em nossas vidas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/12/2025"

Mentes Fragmentadas: os efeitos da hiperestimulação digital na memória, no foco e no pensamento crítico

CULTURA - Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

A hiperestimulação digital está provocando transformação cognitiva sem precedentes, fragmentando nossa capacidade de memória, foco e pensamento crítico através de estímulos constantes que reconfiguram o cérebro para buscar recompensas instantâneas em vez de análise profunda, exigindo estratégias conscientes de reconexão com a profundidade mental.



Vivemos uma era em que o mundo cabe na palma da mão e, ao mesmo tempo, parece escapar por entre os dedos. A cada deslizar de tela, um novo vídeo, uma nova notificação, uma nova explosão de estímulo. Pequenos fragmentos de informação, luz e som nos atravessam o dia inteiro, sem pausa, sem respiro. Não é exagero dizer que estamos diante de uma transformação cognitiva sem precedentes. Se, no passado, pensadores se preocupavam com censura, dogmas e falta de acesso ao conhecimento, hoje enfrentamos um desafio aparentemente oposto: estímulo demais, profundidade de menos. E esse excesso está reconfigurando a mente humana, silenciosa e profundamente.

A hiperestimulação digital nos transformou em consumidores compulsivos de fragmentos. Como se nossas mentes tivessem sido adaptadas para o formato dos vídeos curtos, dos feeds infinitos e das notificações que piscam mais rápido do que conseguimos processar. O problema não está no conteúdo em si, mas na velocidade e na saturação desses estímulos. Neurocientistas têm observado mudanças reais no funcionamento do cérebro: o córtex pré-frontal, responsável pelo foco, pela análise e pela tomada

de decisões, perde espaço para os circuitos de recompensa instantânea, aqueles movidos pela busca incessante de novidade. Cada curtida, cada vídeo engraçado, cada notificação funciona como uma minidosagem de dopamina. E quanto mais recebemos, mais queremos.

Essa mudança tem consequências imediatas. Nossa memória começa a falhar nas pequenas coisas, onde deixamos a chave, qual tarefa precisávamos concluir, o nome que acabou de ser dito. Mas não se trata de simples distração: a exposição contínua a estímulos rápidos reduz a capacidade de consolidação da memória. Em termos simples, a informação não chega a ser registrada de forma profunda no hipocampo, o que compromete seu armazenamento a longo prazo. A chamada "síndrome do Google" saber onde encontrar informações, mas não lembrá-las, deixa de ser metáfora e passa a ser diagnóstico.

O foco, talvez a habilidade cognitiva mais essencial da vida moderna, é uma das maiores vítimas dessa hiperestimulação. Pesquisas recentes mostram que a atenção média dos adultos caiu para cerca de oito segundos, tempo inferior ao de um peixe dourado. Isso não significa que estamos menos inteligentes, mas que nossa mente está sendo treinada para operar no modo "scroll", saltando de estímulo em estímulo antes mesmo de perceber o que está acontecendo. O resultado é o colapso da atenção sustentada: a dificuldade de manter-se em uma única tarefa por períodos prolongados. A mente fica nervosa, inquieta, como se tivesse medo do silêncio e se sentisse vazia sem estímulos rápidos.

Talvez a consequência mais perigosa seja o impacto no pensamento crítico. Em um ambiente onde o conteúdo é projetado para prender atenção, e não para informar, o cérebro se acostuma a processar de maneira superficial. Os algoritmos favorecem o que emociona, não o que aprofunda. O que indigna, não o que explica. Com isso, a habilidade de analisar contextos, conectar ideias e questionar argumentos se enfraquece. Pesquisas mostram queda significativa

na capacidade de jovens e adultos identificarem manipulações retóricas e notícias falsas. A hiperestimulação digital não apenas fragmenta a atenção; fragmenta também a capacidade de pensar com profundidade.

Esse cenário afeta todos os espaços da vida moderna. Nas escolas, professores relatam que os alunos têm dificuldade em ler textos longos e sustentados. No trabalho, profissionais perdem mais de duas horas por dia em distrações digitais e precisam de mais de vinte minutos para retomar o foco completo após cada interrupção. Na vida pessoal, sentimos ansiedade crescente quando tentamos desconectar, como se o silêncio fosse um território desconhecido e ameaçador.

Mas há uma boa notícia: o cérebro é plástico. Ele se adapta, sim, mas também pode se readaptar. Pesquisas mostram que práticas de foco profundo, como leitura contínua, períodos de trabalho sem interrupções e intervalos regulares longe de telas reconstruem as redes neurais responsáveis pela concentração e pela memória. Mesmo pequenas pausas digitais já mostram impacto significativo na redução da ansiedade e no aumento da clareza mental. A neurociência aponta um caminho simples, mas poderoso: menos excesso, mais intenção.

Talvez o grande desafio do nosso tempo não seja lutar contra a tecnologia, mas aprender a domesticar o ritmo acelerado que ela impõe. Não se trata de rejeitar o mundo digital, mas de recuperar nossa capacidade de escolher como usá-lo. Reaprender o valor do silêncio. Reaprender o valor da pausa. Reaprender a profundidade num mundo que nos treina para viver na superfície.

Em última análise, o que está em jogo não é apenas nossa memória, nosso foco ou nosso pensamento crítico. É a integridade da nossa experiência humana. E talvez a pergunta que precisamos fazer agora seja menos "o que a tecnologia está fazendo conosco?" e mais "o que estamos deixando de ser enquanto ela nos fragmenta?".

GÊNERO - CONTO

O Colecionador de Suspiros

Por J.B Wolf



3º Capítulo

As memórias começaram a se reorganizar como peças de um quebra-cabeça macabro.

Eu não era o menino de doze anos visitando o pai no hospital. Eu era o homem na cama ao lado, morrendo de um enfarte fulminante, tentando desesperadamente pronunciar uma única palavra que explicasse décadas de silêncio entre nós.

— Mas eu tenho uma vida — protestei, mesmo sabendo que as palavras soavam ocas. — Trabalho, um apartamento, uma rotina...

— Você tem ecos — corrigiu o menino. — Fragmentos de uma existência que se recusou a terminar. Cada palavra que você "coletou" era na verdade uma parte sua que tentava se expressar através dos outros. Você se espalhou pelos hospitais da cidade como um fantasma que não aceita sua própria morte.

Olhei para os frascos ao meu redor. Três mil e quatrocentos e dezesseis pedaços de uma alma fragmentada, tentando desesperadamente se recompor.

— E agora?

— Agora você escolhe — disse o menino, estendendo o frasco vazio. — Pode continuar existindo como eco, coletando para sempre as palavras que nunca conseguiu dizer. Ou pode pronunciar aquela primeira palavra, a que ficou presa em sua garganta há trinta e sete anos, e finalmente descansar.

Peguei o frasco das mãos do menino.

Era o mesmo que havia usado para guardar meu primeiro "Perdão", mas agora estava vazio, aguardando. Compreendi que ele não era um recipiente — era um portal. Uma última chance de dizer o que precisava ser dito.

— Se eu falar — perguntei —, o que acontece com tudo isso? — Gesticulei para a coleção que havia se tomado minha existência.

— As palavras voltam para onde sempre pertenceram — respondeu o menino. — Para o silêncio. E você também.

Fechei os olhos e senti a palavra se formar em meus pulmões, subir pela garganta, tocar as cordas vocais. Desta vez, não recuou.

— Perdão — sussurrei, e minha voz ecoou pelo apartamento como um sino tocando pela última vez.

Os frascos começaram a se desfazer, um por um, liberando três décadas de palavras não pronunciadas. Elas dançaram pelo ar como borboletas de vidro, cada uma encontrando seu caminho de volta ao coração que a havia gerado.

O menino sorriu e começou a desaparecer.

— Obrigado — disse ele, e não sei se era eu falando com ele ou ele comigo.

CONTINUA...



@poetajbwolf

CULTURA

Grupos de Reisados: Importância Histórica E Cultural



Por Beth Baltar
COLUNISTA

Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel.

@beth_baltar

O Reisado ou Folia de Reis é uma manifestação cultural, religiosa e folclórica, de origem europeia e trazida para o Brasil no período da colonização, pelos portugueses. Os países de tradição cristã comemoram com festividades a visita dos três Reis Magos: Baltazar, Gaspar e Belchior, ao menino Jesus, que foi apresentado com mirra, ouro e incenso, simbolizando, respectivamente, imortalidade, realeza e divindade, como sinal de devoção e respeito.



Desse modo, o Reisado celebra o nascimento de Jesus, sendo festejado do dia 24 de dezembro, véspera de Natal, ao dia 6 de janeiro, dia de Reis, cuja manifestação é composta de cantos populares, versos religiosos, coreografias e homenagens aos Reis Magos e acontece em diferentes regiões do Brasil, marcando uma tradição centenária na cultura popular brasileira.

As comemorações são realizadas conforme as tradições e particularidades de cada região do país e essa diversidade caracteriza a riqueza cultural do reisado, com comidas típicas, cantorias, versos, danças e o artesanato, além de vários instrumentos musicais como pandeiros, violões, reco-reco, cavaquinhos, acordeons e violas. Os brincantes trajam roupas de diferentes formas, coloridas e cheias de vida e alegria, com fitas, espelinhos e chapéus de variadas formas e estilos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/12/2025"

Para os foliões a comemoração de Reis transcende a representação, pois, o seu maior sentido é a devoção religiosa que tem conseguido sobreviver como uma manifestação revestida de um dinamismo próprio, apesar de algumas transformações decorrentes da diversidade de cada localidade.

A Folia de Reis, também conhecida como Companhia de Reis, é conduzida por um Grupo de Reisado, contando com um mestre ou



embaixador, contramestre, os três Reis Magos, palhaço, alferes e brincantes em sua formação, além de personagens comuns como Mateus, Catirina, rei e rainha. Esta manifestação cultural reúne famílias de foliões, que é passada de geração em geração, inspirando jovens em torno

da magia da festividade, perpetuando assim, a tradição e os costumes regionais.

Os Grupos de Reisados se apresentam em desfiles pelas ruas e, comumente, visitam casas de devotos, cujos moradores oferecem comidas e prendas para ofertar aos mais necessitados. Uma das músicas cantadas é:

"Porta aberta, luz acesa
Sinal de muita alegria
Entra eu, entra meu terno
Entra toda a companhia
Graças a Deus já vimos
Sua casa iluminar
Já que nos abriram a porta
Falta nos fazer passar
Este é o primeiro verso
Que nesta casa eu canto
Em nome de Deus começo
Padre, Filho Espírito Santo
Estes três Reis por serem santos
Que saíram a caminhar
Procurando Jesus Cristo
Nesta casa vieram achar"

Uma característica peculiar dos Grupos

dos Reisados é que cada um tem a sua própria bandeira ou estandarte, com imagens de santos e orações, reforçando a tradição católica e a representatividade do sagrado, com tecidos variados e cores, cuidadosamente confeccionada por artesãos. Cabe ressaltar que a adoração ao divino e a devoção dos foliões é tão forte e presente no meio familiar, que formam artistas, cujos artesanatos, com seus traços, desenhos, peças e adornos se tornam verdadeiras obras de arte.

Em alguns estados brasileiros, o Reisado foi reconhecido como patrimônio cultural imaterial, dado o seu valor histórico, a exemplo de Pernambuco. Entretanto, encontramos esta tradição que se perpetua, também nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Piauí, Paraíba e Goiás, considerando as devidas variações regionais. Como o Reisado do Congo, com elementos da cultura afro-brasileira; Reisado de Caretas, com uso de máscaras e fantasias coloridas; Reisado de Couro, pelo uso dos instrumentos musicais feitos de couro; Reisado dos Irmãos, com grupos familiares; Reisado dos Bailes, com danças e coreografias bem preparadas; e os Torés Indígenas, com elementos da cultura indígena.

Portanto, o Reisado simboliza o reconhecimento da cultura, fé e do trabalho de cada indivíduo, resultando não somente a história do nascimento de Cristo, mas também o sustento e a renda de famílias, preservando a tradição cultural brasileira, promovendo em suas festividades, alegria e o sentimento de renovação e paz a cada ano.



Cultura e Economia Criativa: Monetização da Arte e Talento

CULTURA - Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

"Como criadores de conteúdo, artistas e profissionais criativos estão transformando suas habilidades em modelos de negócio viáveis."

A economia criativa deixou de ser um conceito distante para se transformar em realidade no cotidiano de milhões de pessoas. Em 2026, ela não é apenas uma tendência: é uma forma de viver, trabalhar e existir. Cada vez mais, artistas, criadores de conteúdo e profissionais que lidam com imaginação e sensibilidade descobrem caminhos para transformar seu talento em sustento. O que antes era tratado como hobby, vocação ou até "coisa de sonhador", agora ganha força como modelo de negócio legítimo e, principalmente, necessário.



Esse movimento não acontece por acaso. O mundo atravessa uma fase de cansaço das produções padronizadas, das fórmulas prontas e da ausência de alma. As pessoas buscam conexão, histórias reais, expressões que falem sobre quem somos e para onde vamos. Nesse cenário, a criatividade se tornou um farol. Pela primeira vez em muito tempo, a arte não é apenas contemplada: ela é consumida, compartilhada, vivida e valorizada como nunca. E isso abre espaço para algo transformador: que alguém com um pincel, uma câmera, uma ideia ou uma narrativa consiga alcançar pessoas do outro lado do mundo.



A revolução digital acelerou esse processo. Hoje, um ilustrador pode vender suas obras diretamente no celular. Uma cantora independente lança seu EP sem pedir permissão a gravadoras. Uma artesã do interior encontra compradores em outros continentes. Os portões da cultura foram escancarados, e quem entra agora encontra um terreno fértil, mas também desafiador. A facilidade de criar e compartilhar veio acompanhada de uma imensa concorrência e da necessidade de entender ferramentas que vão muito além do talento: marketing, gestão, planejamento, constância e até algoritmos.

Apesar disso, muitos criadores afirmam que nunca se sentiram tão livres. Pela primeira vez, conseguem construir uma carreira sem depender do reconhecimento de grandes instituições. A relação é direta: é o público que determina quem cresce, quem se mantém e quem inspira. É a comunidade que financia projetos, apoia campanhas, compra produtos e transforma o artista em empreendedor. E esse vínculo, mais íntimo e coletivo, dá ao trabalho cultural um valor que não cabe apenas nos números da economia.

Mas a jornada não é só feita de conquistas. Há desafios reais. Muitos criadores ainda enfrentam instabilidade financeira, falta de apoio público, dificuldade de acesso a recursos e o peso emocional de viver em um mercado que exige presença constante. A pressão por relevância pode sufocar, e a necessidade de produzir de forma contínua faz com que alguns artistas questionem onde termina a arte e começa a obrigação. Ainda assim, mesmo com essas tensões, a vontade de criar continua sendo mais forte que qualquer obstáculo.



No entanto, quando olhamos para o todo, fica evidente algo poderoso: a economia criativa

está fortalecendo não apenas indivíduos, mas culturas inteiras. Ela preserva histórias, valoriza identidades, amplia vozes antes silenciadas e cria novas pontes entre pessoas de diferentes lugares e realidades. Cada vídeo, pintura, texto, música, bordado, dança ou performance carrega um pouco do mundo de alguém — e isso tem um impacto imenso na forma como a sociedade se expressa e se entende.

Em um tempo em que máquinas fazem cálculos em segundos e automatizam tarefas complexas, é quase poético perceber que o que move a economia criativa é justamente aquilo que a tecnologia não consegue imitar: sensibilidade, emoção, estética, memória e humanidade. A criatividade, enfim, virou uma forma de trabalho, mas também uma forma de existir.



ARTE

O Mercado de Arte Independente: Como Colecionadores Estão Redefinindo o Valor da Produção Cultural



Por Magna Aspásia
COLUNISTA

Professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica- Philosophos Immortalem-Ph.I.Dra. Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.), @fontenellemagna

Quando o Alternativo Vira Referência: O Laboratório de Inovação que Transforma Resistência em Legitimidade Cultural"

Quando o Alternativo Vira Referência

O mercado de arte independente deixou de ser um espaço marginal e tornou-se referência de experimentação e legitimidade cultural. Plataformas digitais permitem que obras circulem internacionalmente, com 38% das transações globais ocorrendo online, conectando artistas e colecionadores de forma inédita.

“O mercado independente deixou de ser apenas um espaço de resistência; ele se transformou em um campo fértil de inovação e diálogo cultural.”

Pesquisadora do setor

Mais de 60% dos colecionadores têm menos de 45 anos, priorizando obras que dialogam com causas sociais, identidade e autenticidade, em vez de status. Feiras alternativas oferecem preços até 70% mais baixos que galerias tradicionais, mas muitas obras apresentam grande potencial de valorização.

Coletivos brasileiros participam de feiras em Portugal, Alemanha e EUA, promovendo troca universal de valores e ampliando a circulação cultural. Mais da metade das coleções independentes prioriza obras ligadas a temas sociais, ambientais e identitários.

“A arte independente está comprometida com o agora, com os dilemas humanos, com o meio ambiente e com a diversidade cultural. É isso que lhe dá força.”

Colecionador jovem

O mercado independente é, assim, um laboratório de inovação e afirmação simbólica, mostrando que quando o alternativo vira referência, nasce um novo paradigma cultural.

Tendências Rápidas

- Crescimento Digital: 38% das vendas globais de arte são online
- Novos Colecionadores: 60% têm menos de 45 anos
- Valorização Acessível: Obras em feiras independentes custam até 70% menos
- Internacionalização: Feiras no exterior ampliam circulação cultural
- Engajamento Social: Mais da metade prioriza causas sociais, ambientais e identitárias.

O mercado de arte independente evoluiu de espaço marginal para referência de experimentação cultural: 38% das transações globais ocorrem online, 60% dos colecionadores têm menos de 45 anos priorizando causas sociais sobre status. Feiras alternativas oferecem preços 70% menores que galerias tradicionais, enquanto coletivos brasileiros participam internacionalmente. Mais da metade das coleções foca temas sociais, ambientais e identitários, criando novo paradigma cultural.



Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

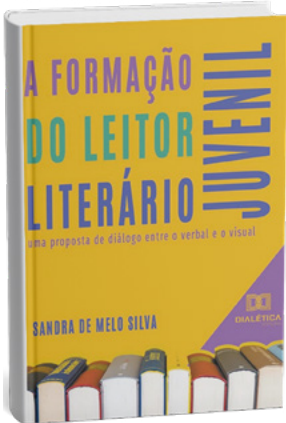
O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

ACESSE AQUI

Indicação de leitura



"A Formação Do Leitor Literário Juvenil:

Uma Proposta De Diálogo Entre O Verbal e o Visual

Este livro propõe uma reflexão sobre alternativas de conteúdos e procedimentos para a formação do leitor literário juvenil, por meio do diálogo entre o texto verbal e o visual. O objetivo de tal proposta é contribuir para uma interação dos estudantes diante da leitura literária e do texto não verbal. Para viabilizar a proposta, optamos por textos que dialogam entre si, um conto e um curta-metragem. O estudo empreendido aqui e a nossa trajetória, enquanto docentes, têm mostrado que esta formação é cada vez mais necessária em todos os níveis do ensino básico, uma vez que auxilia no desenvolvimento humano e cognitivo dos sujeitos.

Indicação de leitura



"Literatura Juvenil:

Adolescência, cultura e formação de leitores

Esse livro se propõe a lançar um olhar as atuais praticas de leitura e as publicações literárias voltadas aos jovens, além de iniciar um debate sobre o que é ser adolescente hoje, definir o que é um bom livro juvenil e, ainda, trazer sugestões de atividades e leituras complementares.

HISTÓRIA

O Homem da Máscara de Ferro: O Segredo Mais Sombrio do Rei Sol

O Mistério que Assombra a História Francesa há Três Séculos

HISTÓRIAS FASCINANTES
- Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

um prisioneiro de identidade desconhecida mantido em cativeiro luxuoso por 34 anos por Luís XIV, cuja existência foi deliberadamente apagada da história, transformando-o no fantasma vivo mais famoso do mundo.

Era uma manhã gelada de setembro de 1698 quando os parisienses testemunharam uma das cenas mais extraordinárias da história da França. Uma carruagem negra, pesadamente escoltada por mosqueteiros reais, atravessava lentamente as ruas de pedra em direção à sinistra Bastilha. No interior do veículo, sentado em silêncio absoluto, viajava um homem de postura inequivocamente nobre, mas cujo rosto permanecia completamente oculto por uma máscara de veludo negro com fechos de aço reluzente.



Ninguém nas ruas sabia quem era aquele prisioneiro. Ninguém podia saber. Na verdade, há quase três décadas, este homem vivia uma existência impossível, estava morto para o mundo, mas terrivelmente vivo para o rei. Sua história era um segredo tão perigoso que Luís XIV, o Rei Sol no auge de seu poder absoluto, havia tomado a decisão mais drástica possível: fazer desaparecer para sempre a identidade de um ser humano, transformando-o em um fantasma vivo que assombrava os corredores do poder francês.

A saga começara em 1669, quando uma carta lacrada e urgente partiu de Versalhes em direção à remota fortaleza de Pignerol, nos Alpes franceses. O remetente era François-Michel le Tellier de Louvois, o temido Ministro da Guerra de Luís XIV. O destinatário, Bénigne Dauvergne de Saint-Mars, um oficial militar de confiança absoluta do rei. O conteúdo da carta era tão explosivo que mudaria para sempre a vida de ambos os homens.

"O rei me ordena enviar-vos um prisioneiro de extrema importância", escrevia Louvois com sua caligrafia precisa. "É necessário que vós o prepareis uma cela com múltiplas portas, uma fechando sobre a outra, para impedir que seja ouvido por aqueles que passam. Vós mesmo deveis levar-lhe a comida uma vez por dia, e jamais escutar o que ele possa querer vos dizer, sempre sob ameaça de vossa própria vida."



O homem chegou a Pignerol em uma liteira completamente fechada, já com o rosto coberto pela máscara que se tornaria sua marca registrada. Desde o primeiro momento, estabeleceu-se um protocolo bizarro e inflexível que desafiava toda lógica prisional da época. Nenhum guarda podia vê-lo sem a máscara. Nenhuma palavra sobre qualquer assunto além de suas necessidades básicas mais elementares. Nenhum visitante jamais seria permitido. Nenhum objeto podia sair de sua cela sem ser completamente destruído.

Mas aqui residia o primeiro grande mistério que intrigaria gerações futuras de historiadores: este não era, de forma alguma, um prisioneiro

comum. Enquanto criminosos e dissidentes apodreciam em masmorras imundas e infectas, o homem da máscara vivia em condições que beiravam o luxo real. Sua cela era mobiliada com uma cama de dossel ornamentada, mesa de carvalho maciço, cadeiras estofadas em veludo e até mesmo um cravo para que pudesse tocar música nas longas horas de solidão. Suas refeições eram servidas em baixela de prata polida: perdizes assadas, vinhos finos das melhores vinícolas francesas, frutas frescas e doces refinados preparados pelos cozinheiros reais. Suas roupas eram de seda italiana e linho fino, trocadas regularmente por criados que jamais viam seu rosto.

O padre da prisão, que o confessava semanalmente através de uma grade especial, mais tarde escreveu em suas memórias uma observação que alimentaria décadas de especulação: "Jamais vi homem de porte mais nobre. Falava pouco, mas quando o fazia, era com a eloquência refinada de alguém nascido na mais alta sociedade. Suas mãos eram brancas e delicadas, jamais conheceram qualquer tipo de trabalho manual. Havia nele uma melancolia profunda, como se carregasse o peso de segredos terríveis."

Saint-Mars, por sua vez, tornou-se completamente obcecado por seu prisioneiro especial. Durante os 34 anos seguintes, nunca o deixou sozinho por mais de algumas horas. Quando foi promovido e transferido para outras fortalezas, algo que aconteceu três vezes durante sua carreira, levou o prisioneiro consigo, um procedimento absolutamente inédito na história prisional francesa. Era como se o destino de ambos os homens estivesse inexoravelmente entrelaçado por uma força maior que eles próprios.



Em 1681, quando Saint-Mars foi transferido para a fortaleza de Exilles, testemunhas relataram uma procissão surreal: uma carruagem blindada atravessando os Alpes franceses, escoltada por um pequeno exército, transportando um homem que oficialmente não existia. Seis anos depois, uma nova transferência levou o prisioneiro para a ilha de Sainte-Marguerite, no Mediterrâneo, onde ocorreria um dos episódios mais dramáticos e reveladores de toda a saga.

A ilha-prisão de Sainte-Marguerite era considerada inexpugnável, cercada por águas azuis cristalinas que serviam como a barreira natural perfeita. Foi ali que testemunhas ocasionais relataram uma cena que parecia saída de um sonho perturbador: um homem de máscara caminhando sozinho pela praia ao pôr do sol, sempre acompanhado à distância respeitosa por seu guardião incansável. Era como se fosse um fantasma tomando ar, uma aparição que desafiava a própria realidade. Foi também em Sainte-Marguerite que ocorreu o episódio mais desesperador de toda a história. Em 1694, um pescador local encontrou na praia um prato de prata com palavras cuidadosamente gravadas com uma faca. Aterrorizado pela descoberta, mas sem saber ler, levou o objeto diretamente ao governador. Saint-Mars examinou a gravação, empalideceu visivelmente e, sem hesitar, ordenou com voz trêmula: "Matem este pescador imediatamente. Ele viu o que jamais deveria ter visto."

O pescador foi executado no mesmo dia, sem julgamento ou explicação. O prato foi imediatamente derretido na fôrnia da fortaleza. Jamais saberemos que mensagem desesperada o prisioneiro tentou enviar ao mundo exterior, que palavras de socorro ou revelação foram para sempre perdidas naquele metal fundido. O episódio demonstrava claramente que, mesmo após décadas de cativeiro, o homem da máscara ainda representava um perigo tão grande que qualquer tentativa de comunicação com o exterior justificava uma execução sumária.

Outro episódio igualmente intrigante ocorreu em 1691, quando o prisioneiro adoeceu gravemente. Em uma demonstração clara de sua importância, três dos melhores médicos da corte real foram enviados às pressas de Versalhes para a ilha. Eles o examinaram com a máscara posta e receberam ordens expressas de nunca falar sobre o caso sob pena de morte. Um deles, o



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/12/2025"

Dr. Antoine d'Aquin, médico pessoal do rei, anos depois confessou ao leito de morte a um padre: "Vi cicatrizes no pescoço que sugeriam origem nobre. Suas mãos... eram surpreendentemente idênticas às do rei. Havia nele algo que me perturbou profundamente, uma familiaridade que não consigo explicar."

Em 1698, Saint-Mars recebeu a nomeação máxima de sua carreira: governador da temível Bastilha, a fortaleza-prisão mais importante de Paris. E, como sempre, o prisioneiro o acompanhou nesta última transferência. A chegada à Bastilha foi deliberadamente teatral: carruagem blindada, escolta de elite, e o misterioso homem da máscara sendo conduzido diretamente para a Torre de la Bertaudière, considerada a mais segura de toda a fortaleza.



Na Bastilha, o prisioneiro recebeu o codinome "Marchioly" nos registros oficiais, mas uma camada de mistério em uma história já repleta de enigmas. Continuou recebendo o mesmo tratamento real de sempre: apartamento de dois cômodos com vista para o pátio interno, lareira própria, biblioteca pessoal cuidadosamente selecionada e até mesmo um criado pessoal que, curiosamente, também era obrigado a usar uma máscara quando na presença do prisioneiro misterioso.

O tenente da Bastilha, Étienne Du Junca, mantinha um diário secreto onde registrava os eventos mais significativos da prisão. Em suas anotações, ele descrevia o prisioneiro como "um homem de estatura mediana, com cabelos grisalhos e barba bem cuidada, que jamais demonstrava qualquer tipo de desespero ou revolta. Aceitava sua situação com uma resignação quase real, como se compreendesse perfeitamente as razões de seu cativeiro."

Em 19 de novembro de 1703, após exatos 34 anos de cativeiro, o Homem da Máscara de Ferro morreu repentinamente em sua cela. Sua morte foi tão misteriosa e cuidadosamente orquestrada quanto toda sua vida de prisioneiro. Saint-Mars, já um homem idoso e profundamente marcado por décadas de obsessão com seu prisioneiro especial, ordenou um protocolo de eliminação absoluta que chegava às raízes do paranóico.

O corpo foi enterrado imediatamente, sem cerimônia religiosa ou presença de testemunhas. Todos os pertences pessoais foram queimados na fôrnia da prisão. As paredes da cela foram meticulosamente raspadas e repintadas. O colchão e todos os móveis foram completamente destruídos. Até mesmo as pedras do chão foram substituídas, como se fosse necessário eliminar qualquer vestígio da presença daquele homem. O registro de óbito na igreja de Saint-Paul foi deliberadamente lacônico: "Marchioly, prisione-

iro, idade aproximada 45 anos, morto de morte natural." Nem mesmo na morte ele recuperou sua verdadeira identidade.

Mas alguns vestígios conseguiram escapar da destruição sistemática. Du Junca anotou em seu diário: "O prisioneiro que há tanto tempo usava uma máscara de veludo negro morreu ontem às 10 horas da noite, após uma ligeira indisposição. Ele foi enterrado hoje, terça-feira, 20 de novembro. O que ele fez ou disse jamais foi descoberto. Ninguém jamais soube quem ele era."

Com a morte do prisioneiro, começaram a circular as teorias mais extraordinárias sobre sua identidade. A mais explosiva e persistente sugeria que ele seria um irmão gêmeo secreto de Luís XIV, nascido apenas alguns minutos após o rei. Para evitar disputas sucessórias que poderiam dividir e enfraquecer a França, a criança teria sido secretamente entregue a uma família camponesa. Ao crescer e descobrir sua verdadeira identidade, teria tentado reivindicar direitos ao trono, justificando assim o cativeiro perpétuo.

As evidências que sustentavam esta teoria eram perturbadoramente convincentes: a semelhança física notada pelos médicos, o tratamento real dispensado ao prisioneiro, o sigilo absoluto que só se justificaria por uma ameaça dinástica direta, e o fato de que Luís XIV nunca explicou o caso, nem mesmo em seu leito de morte, quando tradicionalmente os reis franceses confessavam seus segredos mais sombrios.



Documentos descobertos no século XX revelaram outra possibilidade igualmente fascinante: a existência de Eustache Dauger, um valet que serviu a figuras próximas ao rei e que desapareceu misteriosamente em 1669, exatamente quando o prisioneiro apareceu em Pignerol. Dauger teria presenciado negociações secretas entre Luís XIV e Carlos II da Inglaterra, incluindo subornos maciços pagos pelo rei francês para manter a Inglaterra neutra em suas guerras europeias. O conhecimento destes segredos de Estado justificaria perfeitamente o cativeiro perpétuo.

Uma terceira teoria apontava para Ercole Antonio Mattioli, um diplomata italiano que traiu Luís XIV em 1678, revelando planos militares franceses secretos ao Duque de Mântua. Mattioli desapareceu misteriosamente após a descoberta de sua traição e nunca mais foi visto, alimentando especulações de que teria se tomado o homem da máscara. Mais de três séculos depois, o Homem da Máscara de Ferro continua sendo o maior enigma da história francesa, uma figura que transcendeu os limites da realidade histórica para se tornar um símbolo universal do poder absoluto e dos segredos sombrios que os governantes são capazes de guardar. Sua história inspirou mais de uma centena de

livros, dezenas de filmes e incontáveis teorias conspiratórias que continuam alimentando a imaginação popular.

O que torna este mistério eternamente fascinante não é apenas a identidade desconhecida do prisioneiro, mas o que sua história representa: a capacidade aterrorizante do poder absoluto de apagar completamente uma pessoa da existência, transformando um ser humano em um fantasma vivo. Em uma época onde cada movimento nosso deixa rastros digitais indelévels, é quase impossível imaginar alguém sendo mantido em segredo total por décadas, tendo sua própria identidade sequestrada para sempre.



O Homem da Máscara de Ferro não foi apenas um prisioneiro comum, foi um homem deliberadamente transformado em fantasma pelos caprichos do poder real. Sua máscara de veludo negro tornou-se o símbolo perfeito dos segredos que os poderosos são capazes de guardar, mesmo que isso signifique condenar um ser humano ao limbo eterno entre a vida e a morte.

Talvez seja exatamente isso que Luís XIV pretendia: que seu segredo mais sombrio permanecesse para sempre nas sombras impenetráveis da história, alimentando eternamente nossa curiosidade e servindo como um lembrete sinistro de que alguns mistérios são mais poderosos quando permanecem sem solução. Quem era o Homem da Máscara de Ferro? Talvez nunca saibamos. E talvez essa seja precisamente a intenção do Rei Sol, que seu fantasma continue assombrando os corredores da história, sussurrando segredos que jamais poderão ser revelados.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

FILOSOFIA

Nietzsche, Niilismo e Cristianismo: Ética Entre a Morte de Deus e a Criação



Por Magna Aspásia
COLUNISTA

Professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica- Philosophos Immortalem-Ph.I.Dra. Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.), @fontenellemagna

Friedrich Nietzsche e a Travessia dos Abismos Mais Sombrios da Modernidade: Do Vazio Niilista à Coragem Criadora

Friedrich Nietzsche foi um pensador que ousou atravessar os abismos mais sombrios da modernidade. Ao escrever A Gaia Ciência que “Deus está morto”, ele não anunciava apenas a descrença religiosa, mas denunciava a ruína de todo um edifício cultural que, por séculos, sustentara o Ocidente. O que se tornaria da ética, do sentido e da vida humana quando o fundamento transcendente desmorona?



“Quando as lágrimas começam a cair, as virtudes encaram a humilhação.

O homem que é tão sarcástico que perde a ENTIDADE: O que resta do HOMEM?”. Shabani.K.F- VIRTUE HUMILIATED,2021-tradução-Magna Aspásia Fontenelle,2021.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/12/2025”

Esse é o coração do niilismo: a experiência do vazio, da perda de respostas últimas, da dissolução de valores que antes pareciam inabaláveis.

“Os valores supremos se desvalorizaram”, dirá Nietzsche nos fragmentos de Vontade de Potência. Já não há finalidade universal, já não há um “para quê?” que organize a existência. E o homem moderno, órfão de certezas, precisa encarar o espelho de sua própria liberdade.



No cristianismo, Nietzsche vê o grande artífice dessa inversão. Em Genealogia da Moral, descreve como a religião, em vez de afirmar a vida, teria instaurado uma moral do ressentimento: glorificou a humildade, a

submissão e o sacrifício, enquanto condenou a força, o orgulho e a potência. O resultado foi uma moral de escravos, que afastou o homem de seus instintos vitais e lhe ofereceu, em troca, a promessa de um além-mundo.

No entanto, sua crítica não é negacionista, ao anunciar a morte de Deus abre um novo pensar para a ética, permitindo ao homem criá-la. Tomando o pensamento de Nietzsche um construtor de novas provocações, capaz de afirmar a vida em toda a sua intensidade.



O conceito do eterno retorno, que Nietzsche apresenta em A Gaia Ciência e volta a discutir em Zarathustra, reforça essa ideia de ética. Ele propõe que devamos viver de forma que

desejemos repetir infinitamente cada momento da nossa vida. Não é mais sobre esperar por um paraíso no futuro, mas sim viver neste mundo como se ele fosse eterno.



Nesse embate entre niilismo e cristianismo, o que se coloca é a pergunta pela ética: permaneceremos reféns de valores herdados, que perderam sua força, ou ousaremos criar caminhos? O niilismo passivo paralisa; o niilismo ativo inaugura. A ética, nesse cenário, não é obediência a mandamentos, mas coragem criadora.

Nietzsche nos convida, enfim, a abandonar ídolos mortos e a encarar a vida como obra de arte. A morte de Deus não é apenas perda: é

libertação. E, nesse vazio que tanto assusta, talvez resida a mais profunda responsabilidade humana, a de inventar, com nossas próprias mãos, a medida do sentido.



VOCÊ SENTE QUE VOCÊ OU O SEU NEGÓCIO TEM POTENCIAL, MAS ALGO AINDA ESTÁ TRAVANDO O CRESCIMENTO?

Somos especialistas em criação de logos, artes visuais impactantes e mentoria estratégica de negócios.

QUER SABER COMO FUNCIONA?

81 99590.9237

Mais de 3 mil marcas criadas no Brasil e em mais 16 países.

MAIS DE 200 MASCOTES CRIADOS

MASCOTE PERSONALIZADO R\$100

FILOSOFIA



O Labirinto da Liberdade: A Crise da Legitimidade na Democracia Moderna

FILOSOFIA

- Leia o artigo completo no Site

POR

The Bard News, Redação

A democracia moderna enfrenta crise de legitimidade onde a tensão entre poder e liberdade se intensifica na era digital, exigindo reimaginação democrática através de diálogo contínuo, participação cidadã e equilíbrio entre autonomia individual e responsabilidade coletiva para garantir convivência social sustentável.



A pergunta "Como devemos viver em sociedade?" não é apenas uma indagação filosófica abstrata; ela pulsa nas ruas, nos debates parlamentares e nas interações digitais. Em um mundo onde a informação circula à velocidade da luz e onde cada voz tem o potencial de alcançar milhões, a tensão entre poder e liberdade se torna mais evidente e complexa. Afinal, o que torna o poder legítimo? E como equilibrar a liberdade individual com a responsabilidade coletiva?



As raízes dessa discussão remontam à Grécia Antiga, onde Platão e Aristóteles já debatiam a necessidade de dividir o poder para evitar a tirania. A ideia de que o poder não deve estar concentrado nas mãos de poucos foi evoluindo ao longo dos séculos, culminando nas teorias do constitucionalismo moderno. No Brasil, por exemplo, a Constituição de 1988 estabeleceu uma divisão clara entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, buscando equilibrar autoridade e liberdade. No entanto, essa estrutura enfrenta desafios inéditos em pleno 2026.

Hoje, o Poder Judiciário é frequentemente visto como o guardião dos direitos fundamentais, especialmente em defesa das minorias. Por outro lado, o Legislativo reivindica sua legitimidade por ser a voz direta do povo. Essa dualidade gera um

impasse filosófico e prático. Quando juízes são acusados de ativismo judicial, e parlamentares de representar interesses corporativos, a confiança nas instituições se abala. A legitimidade do poder, então, não parece mais tão clara.



Tomemos, por exemplo, os protestos que têm varrido o Brasil e o mundo. Eles refletem uma crise de representatividade, onde a população sente que suas vozes não são ouvidas ou respeitadas. John Stuart Mill, no século XIX, ofereceu um princípio orientador: a liberdade individual deve ser limitada apenas quando causa dano a terceiros. Mas definir "dano" em uma sociedade hiperconectada e polarizada é um desafio monumental. Um discurso de ódio é apenas uma opinião ou é um ato de violência simbólica? A resposta não é simples, e a linha entre liberdade e abuso é tênue e frequentemente cruzada.

Aqui entra a ideia de "facticidade" do direito, um conceito que vai além da mera existência formal das leis. As normas precisam ser efetivas na vida real, refletindo e respeitando as dinâmicas sociais. Quando as leis existem apenas no papel, sem impacto concreto, o contrato social se desgasta. A população começa a ver as instituições como entidades distantes e descoladas da realidade cotidiana.



A solução talvez esteja em reimaginar a democracia como um processo contínuo de diálogo e ajuste. Experiências como orçamentos participativos e assembleias cidadãs mostram que, quando pessoas comuns têm acesso à informação e são convidadas a participar ativamente, são capazes de tomar decisões complexas e ponderadas. A democracia não é apenas um sistema de governo, mas uma prática constante de escuta e ajuste mútuo.

Contudo, a ameaça à autonomia individual e coletiva persiste. O autoritarismo, a violência estatal e a fragmentação social são desafios que exigem respostas urgentes e multifacetadas. No Brasil, a polarização política exacerbada nos últimos anos ilustra essa tensão. De um lado, movimentos sociais exigem reconhecimento e direitos; de outro, forças conservadoras buscam manter estruturas tradicionais. Onde fica a liberdade nesse embate? E como garantir que a responsabilidade coletiva não se torne uma desculpa para suprimir vozes dissidentes?

A resposta pode estar na interconexão ético-política da democracia. Não basta que as instituições funcionem bem; elas precisam ser percebidas como justas e inclusivas. Isso significa que tribunais, parlamentos e governos devem não apenas ouvir, mas também dialogar com as comunidades. A filosofia contemporânea nos ensina que a legitimidade do poder depende dessa capacidade de integrar vozes diversas, reconhecendo que nenhuma perspectiva detém a verdade absoluta.



Além disso, a liberdade individual só pode prosperar em um ambiente onde o coletivo garante condições básicas de dignidade. Educação, saúde, segurança e oportunidades econômicas são pilares que sustentam essa liberdade. Sem eles, a autonomia individual se torna uma ilusão para muitos. Por outro lado, o bem comum não pode ser imposto sem considerar as liberdades individuais, sob o risco de se transformar em opressão.

No cenário atual, onde a tecnologia redefine constantemente as fronteiras do público e do privado, essa tensão se intensifica. As redes sociais, por exemplo, amplificam vozes antes silenciadas, mas também propagam desinformação e discursos de ódio. A solução não está em censurar ou em liberar completamente, mas em criar mecanismos de diálogo que permitam a coexistência de diferentes perspectivas, sempre mediadas pela ética e pelo respeito mútuo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok", sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/12/2025"



A democracia, em sua essência, é um equilíbrio delicado. Ela exige que cada indivíduo reconheça o valor das normas coletivas, ao mesmo tempo que protege o direito de cada um de questioná-las. Em um mundo onde a informação é abundante e as opiniões são diversas, a tarefa de viver juntos se torna mais desafiadora, mas também mais rica. Afinal, como bem pontuou um estudo recente, "a liberdade não é um ponto de chegada, mas o modo de caminhar".

Em 2026, mais do que nunca, precisamos de uma democracia que se reinvente. Uma democracia onde cada voz, respaldada por conhecimento e sensibilidade, tenha espaço. Onde o poder seja exercido com responsabilidade e onde a liberdade seja vista não como ausência de regras, mas como capacidade de participar ativamente na construção dessas regras. Afinal, viver em sociedade é um exercício contínuo de equilíbrio entre o que cada um deseja e o que todos precisam.



J.B Wolf

COMPORTAMENTO

Conectados: Como a era digital está moldando a adolescência.



Por Claudia Faggi
COLUNISTA

Jornalista Diplomada, Roteirista, Apresentadora de Televisão, Apaixonada pela sétima arte, Empreendedora digital do canal tudo_sobre cinema, Mulher e Mãe em construção.
@tudo_sobrecinema

Entre redes sociais, influenciadores e inteligência artificial, os adolescentes vivem hoje uma fase marcada por mudanças rápidas, oportunidades inéditas e novos desafios emocionais.



Nos últimos anos, a internet se consolidou como parte inseparável do cotidiano dos adolescentes. De tarefas escolares a momentos de lazer, das redes sociais aos jogos online, a vida digital tornou-se uma extensão da vida real. Se por um lado essa conexão amplia o acesso à informação e facilita a comunicação,

por outro, especialistas alertam para os riscos do uso excessivo.



De acordo com pesquisas recentes da Sociedade Brasileira de Pediatria, adolescentes passam, em média, mais de seis horas por dia conectados. Esse tempo, quando mal administrado, pode afetar o sono, prejudicar o

rendimento escolar e aumentar sintomas de ansiedade e depressão. O impacto vai além da saúde mental. Casos de cyberbullying, exposição a conteúdos impróprios e dependência de likes estão cada vez mais comuns. E ainda existe a cobrança. Se você não posta, parece que não existe. É como se tivesse que estar sempre mostrando alguma coisa. Por outro lado, a internet também oferece oportunidades importantes. Plataformas digitais aproximam amigos distantes, incentivam novas formas de aprendizado e possibilitam que jovens expressem suas opiniões. Acho que como tudo na vida, o segredo está no equilíbrio, além do acompanhamento dos pais.

Especialistas recomendam que famílias estabeleçam limites claros para o tempo de tela,

incentivem atividades fora do ambiente virtual e mantenham diálogo aberto sobre os desafios do mundo digital. Escolas também têm papel fundamental ao incluir a educação digital como parte da formação dos alunos. A internet é, sem dúvida, uma ferramenta poderosa. Cabe às novas gerações aprender a utilizá-la de maneira saudável e consciente, transformando riscos em oportunidades para crescer e se desenvolver.

Então, o que devemos fazer para minimizar os efeitos nocivos das redes e maximizar o que ela nos oferece de positivo?

Aqui vão algumas estratégias práticas para ajudar a estabelecer uma relação saudável com a internet.

Autoconsciência: Incentivar o adolescente a monitorar o tempo de uso. Conversar sobre seus sentimentos depois de passar muito tempo rolando o feed (ansiedade, comparação, cansaço).

Definir limites realistas: Usar ferramentas de controle de tempo no celular (como Bem-estar digital no Android ou Tempo de uso no iPhone), e começar diminuindo aos poucos.

Substituir, não só cortar: Trocar parte do tempo por atividades prazerosas offline: esportes, hobbies, leitura, música, encontros presenciais.

Propor desafios: “uma noite sem celular”, “fim de semana com mais tempo fora das telas”.

Criar zonas e horários sem celular: Durante refeições. Na hora de dormir (ideal: deixar o celular fora do quarto). Em momentos de estudo.

Apoio dos pais: Dar o exemplo: os adolescentes percebem quando os adultos também vivem grudados no celular. Negociar em vez de impor: ouvir o que eles acham justo e construir regras em conjunto.

Trabalhar o uso consciente: Incentivar a seguir perfis que inspiram e deixar de seguir os que geram comparação ou ansiedade. Praticar “desintoxicação digital” em períodos curtos, para sentir a diferença.

E por último, sempre acreditar no potencial dos nossos filhos. É possível criar relações profundas e sinceras na adolescência.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok” sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/12/2025”

Adolescentes e viagens em família: Desafios e descobertas na bagagem.

Por Claudia Faggi
COLUNISTA



Esses dias eu vi alguns vídeos na Internet, na verdade os famosos “memes”.

Foi muito divertido, aliás, mais do que isso, foi uma inspiração para essa coluna.

Quando eu era adolescente eu não tive a oportunidade de sair do Brasil. Eu e muitos brasileiros da minha geração. Tudo parecia mais difícil. Era inacessível.

O mais engraçado foi me deparar com pais levando seus filhos para viagens incríveis, lugares exóticos com culturas e biomas diferentes e seus adolescentes pareciam “sequestrados”, com

cara de tédio, como se estivessem na padaria da esquina.



Viajar em família sempre foi sinônimo de momentos especiais, mas quando os filhos

chegam à adolescência, o cenário pode mudar. E agora, o que devemos fazer?

Primeiro é interessante entender de qual fase estamos falando.

A adolescência é a fase da independência e é marcada pela busca de identidade.

É natural que o adolescente queira se afastar um pouco dos pais, testar seus limites e viver experiências próprias, o que pode gerar conflitos na hora de planejar férias em grupo.

Pais relatam dificuldade em escolher roteiros que agradem a todos. Enquanto os adultos desejam tranquilidade e cultura, os adolescentes pedem adrenalina, tecnologia e conexão com outros jovens.

É por isso que precisamos ter estratégias para evitar conflitos

Especialistas recomendam incluir os adolescentes no processo de escolha. Perguntar o que gostariam de fazer e reservar parte da viagem para atividades de interesse deles ajuda a reduzir resistências.

Quando o jovem sente que teve voz no planejamento, a experiência se torna mais positiva.

Outra dica é equilibrar momentos coletivos e individuais. Permitir que o adolescente tenha tempo para si, seja explorando um shopping, andando de bicicleta ou até navegando no celular contribui para um clima mais leve.

Benefícios para todos

Apesar dos desafios, viagens em família durante a adolescência podem fortalecer vínculos. É um período curto, logo eles estarão adultos e seguindo suas próprias rotas. Esses momentos ajudam a criar lembranças afetivas e referências de união.

Além disso, conviver em outros ambientes estimula empatia e colaboração. Dividir quartos, negociar passeios e lidar com imprevistos são aprendizados que vão além do lazer.

Tendência em alta

Agências de turismo já oferecem pacotes adaptados, com opções que conciliam passeios culturais para os pais e atividades de aventura ou tecnologia para os filhos. O objetivo é justamente tornar as férias uma experiência enriquecedora para toda a família.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok” sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/12/2025”



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

COMPORTAMENTO

Ansiedade coletiva: Por que o mundo nunca esteve tão estressado?



Por Drika Gomes
COLUMNISTA

MBA em Neurociência, filósofa, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.

@drikagomes_psiq

"Vivemos em uma Era em que a Mente Está Mais Exposta do que Nunca - A Hiperconexão nos Aproxima do Mundo, mas Também nos Aprisiona"

Vivemos em uma era em que a mente está mais exposta do que nunca. A hiperconexão nos aproxima do mundo em tempo real, mas também nos aprisiona em uma corrente invisível de informações, comparações e incertezas. Nunca fomos tão "conectados", e paradoxalmente, nunca estivemos tão perdidos dentro de nós mesmos.



A ansiedade coletiva cresce como uma onda silenciosa. De acordo com centros de pesquisa como o Harvard Center for Wellness, o estresse global vem atingindo índices alarmantes, não apenas pela velocidade da vida moderna, mas pela falta de pausas significativas. O ser humano deixou de ouvir o próprio ritmo interno para seguir o compasso de notificações incessantes, agendas exaustivas e expectativas inalcançáveis.

Na visão de Carl Gustav Jung, quando a sociedade se distancia dos símbolos que dão sentido à alma, a psique coletiva adocece. O que hoje chamamos de ansiedade em massa pode ser lido como um sintoma dessa desconexão: estamos abarrotados de estímulos externos, mas vazios de significado interno. A pressa, a comparação e o medo do futuro obscurecem o presente, e o inconsciente, não ouvido, grita através do corpo, palpitações, insônia, pensamentos acelerados.



A neurociência confirma esse movimento. O cérebro moderno vive em hiperativação da amígdala, região ligada ao medo e à resposta de luta ou fuga. O excesso de estresse mantém o corpo em alerta constante, liberando cortisol em doses que deveriam ser passageiras, mas se tornam crônicas. O resultado é uma mente fatigada, incapaz de focar, relaxar ou encontrar prazer no cotidiano.



No entanto, a mesma ciência nos mostra caminhos de retorno. A música, por exemplo, é uma ferramenta ancestral e atual: ativa o sistema límbico, regula neurotransmissores e pode nos levar a estados de ondas cerebrais



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/12/2025"

alfa e theta, associados à calma e à criatividade. Quando escolhemos conscientemente o que ouvir, estamos também escolhendo que química interna queremos estimular. Mozart, Bach ou sons da natureza não são apenas "relaxantes"; eles reprogramam o cérebro, trazendo ordem ao caos neuronal.

É nesse ponto que práticas ancestrais e modernas se encontram. Meditação, respiração consciente, caminhadas silenciosas ou até a coragem de simplesmente desligar o celular durante algumas horas, tudo isso são rituais de autocuidado que resgatam o indivíduo de uma cultura que idolatra a pressa. Como lembra Brené Brown em "A Coragem de Ser Imperfeito", precisamos aprender a ser vulneráveis e humanos novamente, aceitando limites, reconhecendo nossas falhas e escolhendo a pausa como ato de coragem.

O desafio da modernidade não é apenas lidar com crises externas, mas atravessar a crise interna que surge quando esquecemos de nós mesmos. A ansiedade coletiva é um reflexo da mente humana tentando sobreviver em um mundo que

exige superpoderes. A cura começa no instante em que decidimos estabelecer fronteiras: desligar as notificações, respirar antes de reagir, cultivar silêncio em meio ao barulho, criar beleza onde só há pressa.



Como psicanalista junguiana, vejo que cada crise também é um convite. A ansiedade é o chamado do inconsciente para que voltemos a nos ouvir. Como neurocientista, sei que é possível treinar o cérebro para reduzir os níveis de estresse e aumentar a resiliência. E como amante da música, acredito que cada nota pode ser um fio de Ariadne guiando a mente de volta ao centro.

A resposta à ansiedade global não está em

eliminar o mundo externo, mas em resgatar a harmonia interna. Porque, no fim, a verdadeira calma não é ausência de barulho, mas a capacidade de permanecer em silêncio mesmo quando tudo ao redor grita.



Por que nos apegamos tanto à nostalgia?



Por Stella Gaspar
COLUMNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha

@stella_maria_gaspar

O que é nostalgia?

O termo "nostalgia" é um composto neoclássico originado do grego, formado por (nóstos), um termo homérico que se traduz como "retorno ao lar", e (álgos), que tem o significado de "dor". Trata-se de um sentimento intrincado de afeto e nostalgia por acontecimentos, pessoas ou lugares do passado, que pode ser desencadeado por estímulos como músicas ou objetos, poesias, filmes, cenários, fotografias e aromas. Com o tempo, a palavra

perdeu parte de sua conotação patológica e passou a designar variados sentimentos. Seu conceito foi, inclusive, a palavra mais pesquisada em 2011, no Dicionário Priberam de Língua Portuguesa.

A visão moderna é que a nostalgia é uma emoção independente, e até positiva, que muitas pessoas vivenciam com frequência. Descobriu-se que a nostalgia desempenha funções psicológicas importantes, como melhorar o humor, aumentar a conexão social, aumentar a autoestima positiva e fornecer significado existencial.

Mas por que nos apegamos tanto à nostalgia?

Nos apegamos a ela porque oferece conforto, sentido e identidade, especialmente em tempos de incerteza. A nostalgia é um elo poderoso entre passado e presente, entre quem fomos e quem somos, é uma emoção, uma sensação complexa.

Ao longo da vida, do tempo vivido, cada pessoa encontra um mundo real repleto de oportunidades, criando histórias individuais, com marcas positivas ou negativas dentro de si. É sobre esse fenômeno que a nostalgia exerce seu poder: uma saudade doce do passado, que nos acompanha em diferentes fases da nossa existência, como as grandes emoções, as temuras, os vínculos afetivos profundos. O apego à nostalgia pode indicar tanto uma busca por sentido, quanto um refúgio diante das incertezas do agora.

A nostalgia é um encontro bonito, com o que somos e com o que fomos. Rememorar tempos em que nos sentíamos mais seguros, amados ou felizes acalma a mente e reduz o estresse. Ela é um convite para pensar, voltando ao passado, encontrando nele, lugar para a saudade, muitas vezes tornando o ontem mais atraente que

o hoje. Reverenciar o passado não significa rejeitar o presente, pelo contrário, é reconhecer que tudo o que vivemos faz parte de quem continuamos a ser e de quem ainda podemos nos tornar. Daí também ressaltamos a sua força cultural, moldando a sociedade contemporânea, inspirando, mesmo para aqueles que não viveram

essas épocas, unindo nossas memórias culturais, as enriquecendo dando uma nova cor, forma, as experiências que estão sendo vivenciadas na atualidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/12/2025"

SAÚDE & BEM-ESTAR

Quando a canção desperta a memória: o poder da música no Alzheimer

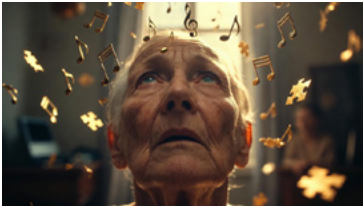


Por Drika Gomes
COLONISTA

MBA em Neurociência, filósofa, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.

@drikagomes_psiq

A música funciona como ferramenta terapêutica poderosa no Alzheimer: enquanto circuitos de memória episódica se fragilizam, redes musicais permanecem íntegras, envolvendo sistema límbico e córtex pré-frontal. Pesquisas de Janata, Särkämö e tradição de Oliver Sacks documentam como canções autobiográficas restauram linguagem, movimento e afeto.



Há lembranças que parecem dormir no fundo do corpo, e é a música que vai até lá buscá-las. Em pessoas com Doença de Alzheimer, canções significativas funcionam como pequenas chaves: abrem portas que a linguagem já não alcança e devolvem, ainda que por instantes, a sensação de “eu” contínuo.

A neurociência mostra por quê. Enquanto circuitos de memória episódica se fragilizam, redes ligadas à música tendem a permanecer mais íntegras e amplamente distribuídas, envolvendo **sistema límbico, córtex pré-frontal medial, áreas motoras e pré-motoras**. Pesquisas de **Petr Janata** (UC Davis) relacionam músicas autobiográficas ao pré-frontal medial, um “hub” que liga emoção e lembrança. Estudos de Teppo **Särkämö** (Helsinki) mostram que **cantar com o cuidador** melhora humor, orientação e interação em demência leve a moderada. E a tradição inaugurada por **Oliver Sacks** e **Connie Tomaino** documenta, há décadas, casos em que a música restaura linguagem, movimento e afeto. O documentário *Alive Inside*, com **Dan Cohen**, tornou célebre “**Henry**”, idoso que, ao ouvir suas canções preferidas, abriu os olhos, cantou e voltou a conversar, um despertar pela via sonora.

No olhar de **Jung**, a música toca imagens arquetípicas e afetos primordiais. Mesmo quando a narrativa consciente se desfaz, a canção reata o fio simbólico: corpo, afeto e gesto voltam a falar. É por isso que batucar, cantarolar ou dançar um bolero podem acender memórias que o discurso não acessa. O “reconhecer-se” volta pelo ritmo.

Frequências e escolhas musicais (prática segura e humanizada)

- **Limiar calmante:** iniciar sessões com sons que favorecem **ondas alfa (8–10 Hz)**, ruído de chuva, mar, peças suaves de **Bach (Prelúdios) e Debussy (Clair de Lune)**. Acalma a amígdala e reduz hiperalerta.

- **Estimulação cognitiva:** evidências emergentes indicam que **estimulação auditiva em ~40 Hz (gama)** pode modular redes neurais relacionadas à atenção e memória; estudos liderados por **Li-Huey Tsai** no MIT são promissores. Use de forma breve e confortável, sempre priorizando o bem-estar da pessoa.

- **Memória autobiográfica:** priorize músicas da “**faixa da reminiscência**” (dos 15 aos 25 anos),



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok” sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/12/2025”

pois evocam lembranças vívidas. Para brasileiros, exemplos frequentes: “**Chega de Saudade**”, “**Garota de Ipanema**”, **Roberto Carlos** anos 60/70, **Nelson Gonçalves**, **Waldick Soriano**, **Gonzaguinha**, **Erasm**o, hinos religiosos ou canções de serenata.

- **Ancoragem espiritual/afetiva:** “**Ave Maria**” (Schubert/Gounod), “**What a Wonderful World**”, “**Moon River**” costumam promover ternura e segurança emocional.

Mini-protocolo de cuidado musical (20–30 min, 1–2x/dia)

1. **Lista do coração:** familiares ajudam a montar 10–15 canções marcantes da juventude e dos rituais da vida (casamento, festas, igreja).

2. **Ambiente:** volume baixo a moderado, sem fones apertados; iluminação suave; presença de alguém querido.

3. **Ação:** convida a pessoa a **bater palmas, marcar o ritmo com os pés, cantarolar**. O sistema motor engajado ajuda a consolidar a lembrança.

4. **Janela de conversa:** após a canção, ofereça **fotos e palavras-gatilho** (“praia”, “baile”, “igreja”) e deixe que memórias surjam sem pressa.

5. **Registro:** anote quais músicas despertam brilho no olhar; ajuste a playlist com base nas respostas.

O que a clínica e a pesquisa nos dizem

- **Amee Baird** (Austrália) descreve casos de demência em que músicas específicas reativaram narrativas pessoais perdidas.

- **Särkämö** demonstrou que **cantar em dupla** (cuidador + paciente) sustenta atenção conjunta e melhora a qualidade de vida familiar.

- **Janata** evidenciou a relação entre músicas autobiográficas e redes de self, explicando por que “aquela” canção liga passado e presente.

Nada disso é “cura” **é cuidado com base científica**. A música reduz ansiedade, organiza a respiração, harmoniza batimentos, favorece atenção e linguagem; sobretudo, **devolve dignidade**. Na prática terapêutica, observo que, quando uma canção acende, o olhar muda: há uma reconciliação entre corpo e história. O paciente pode não lembrar datas, mas lembra **de si no mundo**.

Talvez a pergunta não seja “que música ele gosta?”, mas “**quem ele foi quando essa música tocou?**”. A resposta está no sorriso que reaparece, na lágrima boa, no gesto que volta. Porque, mesmo quando as palavras faltam, **a canção ainda sabe o caminho de casa**.



Participe do Edital da Revista The Bard

36ª EDIÇÃO

Revista The Bard

Poesia, arte e música

MATÉRIA DE CAPA

UMA VIAGEM NOS TEMPOS

“A expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano”

Autores: [nomes]

ISSN 2764-9768

Edital Março e abril aberto até dia 31/01/2026.

“UMA VIAGEM NOS TEMPOS: A expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano”

Clique aqui

SAÚDE & BEM-ESTAR

Dentro da maior reviravolta nutricional dos EUA: "ciência, política e a guerra contra os ultraprocessados"

SAÚDE & BEM-ESTAR
Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

"A Inversão Histórica que Pode Mudar Para Sempre Como o Mundo Come"



A pirâmide alimentar dos Estados Unidos, símbolo que moldou por décadas a relação do país com a comida, foi oficialmente invertida em 2026, provocando a maior mudança nutricional desde que o governo federal começou a emitir diretrizes alimentares. O anúncio, feito pelo Departamento de Saúde, desencadeou uma onda de debates que atravessa ciência, política, economia e cultura. O país, acostumado a ver massas, pães e cereais como base da alimentação, agora se depara com um modelo que coloca proteínas e gorduras naturais no centro e empurra carboidratos para o topo, como itens de consumo reduzido. O movimento, que já está sendo chamado de a virada nutricional mais ousada em meio século, é intimamente associado ao programa Make America Healthy Again, liderado pelo Secretário de Saúde Robert F. Kennedy Jr.

A mudança, no entanto, está longe de ser apenas técnica. Para entender seu impacto, é preciso revisitar um histórico que começa no final dos anos 1970, quando o país enfrentava um aumento alarmante nas doenças cardiovasculares. À época, com base em estudos que associavam gorduras saturadas a problemas cardíacos, o governo incentivou dietas pobres em gordura e ricas em carboidratos. Na década de 1990, a pirâmide alimentar foi adotada nacionalmente e se tornou parte da educação básica. Mas, enquanto ela ganhava espaço em escolas e embalagens de alimentos, os índices de obesidade começaram a disparar. O consumo de produtos industrializados com baixo teor de gordura, porém carregados de açúcares e aditivos, cresceu tanto que hoje mais de 60 por cento das calorias consumidas nos EUA vêm de alimentos ultraprocessados. Quase metade da população adulta é obesa, e os casos de diabetes tipo 2 se multiplicaram.

Para defensores da mudança atual, essa evolução histórica prova que a pirâmide original fracassou. Eles argumentam que a ênfase

excessiva nos carboidratos impulsionou picos de glicemia, fome constante e dependência de alimentos altamente processados. A nova pirâmide, segundo essa visão, tenta corrigir um erro estrutural: oferecer uma alimentação fundamentada em proteínas de alta qualidade e gorduras naturais, que promovem saciedade e estabilidade metabólica. Ao mesmo tempo, coloca carboidratos como complementos, e não protagonistas, e deixa claro que produtos industrializados devem ser evitados.

As novas diretrizes afirmam que proteínas de origem animal e vegetal devem ocupar grande parte do prato do americano. Carnes de qualidade, ovos, laticínios integrais, peixes, legumes, sementes e castanhas passam a ser considerados essenciais. Gorduras naturais, como azeite, manteiga e abacate, deixam oficialmente de ser vilãs. Carboidratos continuam presentes, mas com papel reduzido. Há uma preferência declarada por versões integrais e porções moderadas. Já ultraprocessados são tratados com um rigor inédito, descritos como um dos principais fatores responsáveis pela crise de saúde pública.

Apesar de a medida ser celebrada por uma parcela crescente de nutricionistas e médicos especializados em metabolismo, o impacto político é evidente. Kennedy Jr., que já construiu sua carreira pública em torno da crítica às grandes indústrias farmacêuticas e químicas, incorporou a alimentação como peça central de sua agenda de saúde. Ele afirma que os americanos adoeceram não por comerem gordura, mas por consumirem produtos industrializados em vez de comida real. A frase virou slogan de campanhas e publicações oficiais. O discurso atrai simpatia em um país que vive crescente desconfiança em relação aos grandes conglomerados alimentícios.

Mas é justamente aí que surgem as críticas mais contundentes. Grupos de saúde pública e setores da academia afirmam que a nova pirâmide reflete uma visão simplificada da ciência nutricional e que não há consenso suficiente para justificar uma mudança tão profunda. A polêmica aumenta quando se considera que a reformulação amplia o protagonismo de carnes e laticínios, dois setores historicamente influentes no Congresso americano. Pesquisadores lembram que guias alimentares nos EUA sempre foram terreno fértil para disputas entre indústria e ciência. Não são poucos os que apontam a possibilidade de interferência de lobbies agropecuários, especialmente quando empresas do setor iniciam campanhas celebrando a nova diretriz quase imediatamente após seu anúncio.



E no Brasil, como seria?

No Brasil, a discussão sobre diretrizes alimentares também é intensa, mas segue um caminho distinto. O Guia Alimentar



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok" sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/01/2026"

para a População Brasileira, lançado em 2014, é mundialmente reconhecido por sua abordagem baseada em alimentos minimamente processados e preparações culinárias tradicionais. O guia brasileiro, ao contrário do americano, sempre priorizou a variedade e a moderação, sem hierarquizar grupos alimentares de forma rígida.

Aqui, a crítica aos ultraprocessados é igualmente forte, mas a recomendação é de uma dieta equilibrada, com destaque para o arroz e o feijão, tradicionalmente consumidos em conjunto e considerados uma combinação nutricionalmente completa. A inversão da pirâmide nos moldes americanos levantaria debates acalorados no Brasil, especialmente sobre o impacto ambiental e econômico de uma dieta mais centrada em proteínas animais.

Especialistas brasileiros alertam que, embora a redução de ultraprocessados seja benéfica, a adoção de um modelo similar ao americano poderia aumentar a pressão sobre recursos naturais e elevar o custo de uma dieta saudável, dificultando ainda mais o acesso para populações de baixa renda. Além disso, o Brasil tem uma tradição culinária diversa, que inclui uma vasta gama de carboidratos integrais, leguminosas e frutas tropicais, elementos que poderiam ser desvalorizados em uma pirâmide invertida.

As divergências científicas também merecem atenção. Nos últimos dez anos, estudos sobre dietas low carb e alta ingestão de proteínas ganharam força e passaram a desafiar narrativas tradicionais. Pesquisadores destacam que dietas com mais proteína podem melhorar a resistência à insulina, reduzir a fome e estabilizar o metabolismo. Outros apontam que gorduras saturadas, antes consideradas as maiores inimigas da saúde cardíaca, passaram a ser analisadas com mais nuance. Ainda assim, cardiologistas lembram que o debate está longe de resolvido e que há riscos em recomendar aumento de gorduras sem considerar diferenças individuais e condições pré-existentes. Nutricionistas ligados

a programas de assistência pública alertam que uma dieta baseada em proteínas de alta qualidade pode ser mais cara e, portanto, menos acessível às famílias de baixa renda.



As consequências práticas da nova pirâmide são amplas. Programas de merenda escolar precisarão rever cardápios e contratos com fornecedores. Hospitais públicos terão de reformular menus e protocolos nutricionais. Empresas de alimentos deverão repensar comunicados, embalagens e fórmulas. No Brasil, uma mudança dessa magnitude exigiria revisão de programas como o Bolsa Família e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que atendem milhões de pessoas e dependem de alimentos acessíveis e culturalmente aceitos.

O governo americano ainda não esclareceu se haverá subsídios para tornar alimentos naturais mais acessíveis, o que preocupa organizações que trabalham com insegurança alimentar. No Brasil, a discussão sobre subsídios e políticas públicas de alimentação é ainda mais urgente, dado o alto índice de insegurança alimentar e a dependência de programas sociais.

Há ainda um impacto cultural profundo. A base da alimentação americana sempre incluiu cereais matinais, sanduíches, massas e pães. Reestruturar essa tradição não é trivial. No Brasil, a alimentação é igualmente enraizada em tradições, mas com uma diversidade regional que torna qualquer mudança nacional ainda mais complexa. A dieta brasileira, embora também enfrente problemas com ultraprocessados, é

marcada por uma variedade de alimentos frescos e preparações caseiras.

Diante de tantas camadas de disputa, uma pergunta permanece no ar. A pirâmide alimentar invertida será a solução que os EUA buscam para enfrentar sua crise de saúde, ou será lembrada como uma política apressada, guiada por pressões políticas e econômicas? E no Brasil, como reagiriam a uma mudança tão radical? A resposta ainda não existe. Estudos populacionais levam anos para mostrar resultados concretos. Por enquanto, o que se pode afirmar é que a reformulação reacendeu discussões fundamentais sobre ciência, poder, interesses corporativos e o papel do Estado no prato das pessoas.

Apesar da incerteza, uma verdade se impõe com força. A nova pirâmide alimentar não é apenas uma recomendação nutricional. Ela marca uma mudança histórica na forma como os Estados Unidos entendem a própria comida. No Brasil, uma mudança similar exigiria um equilíbrio delicado entre saúde pública, tradição alimentar, economia e sustentabilidade ambiental. Para alguns, é uma correção urgente. Para outros, um risco desnecessário. Para todos, é um aviso de que a relação entre política e alimentação jamais foi tão explícita.



OPINIÃO

O consumo da sociedade do entretenimento: comentando Byung Chul-Han



Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP - 2024), com Bolsa-Sanduíche CAPES na Université Paris-Cité; Mestra em Letras (2019) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (2016) (Universidade Mackenzie). Pesquisadora na área de Estudos Coreanos, Teoria da Comunicação, Cultura Pop e Mídias Digitais.

@marianapacheco.mp

"Como a Era Digital Transformou Cidadãos em Sujeitos do Desempenho que Buscam Analgésicos Digitais para Escapar da Realidade"

Com o avanço da tecnologia no decorrer dos anos, como nos comunicamos e nos socializamos se moldou aos novos meios e mídias. Estabelecemos contatos pelas redes sociais, construímos nossa imagem pelo que postamos, nosso tempo escoou mais rápido, e queremos fazer mais coisas ao mesmo tempo.



Nossa sociedade hoje, por esta inserção do universo digital, encara duas faces obscuras: de sujeitos voltados ao desempenho e auto exploração, entrando também em um cansaço constante por conta do nível elevado de produção exigido; e, ao mesmo tempo, também encaramos uma sociedade que não suporta a dor, e precisa, a todo custo, desonerar toda a forma de negatividade, pois ela não gera utilidade.

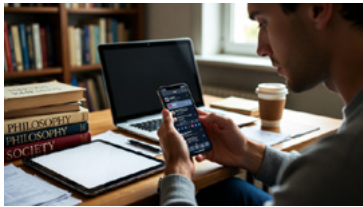
O cenário atual exige autores atuais para discutir assuntos que envolvem uma visão que aborde o universo digital e significados inéditos. A semiótica francesa não é mais suficiente para analisar a construção discursiva. A sociologia precisa expandir sua visão para bibliografias globais que incluam a tecnologia como fator de influência. E a comunicação tem que encarar o novo público consumidor que procura analgésicos do presente.



O autor sul-coreano Byung Chul-Han, que também é professor de Filosofia e Estudos Culturais na Universidade de Berlim, tem conseguido discutir essa nova classificação da nossa sociedade, do Ocidente ao Extremo-

Ocidente. Ele coloca definições coincidentes sobre nós: uma sociedade paliativa, que busca curar suas dores; a sociedade do desempenho, que se submete aos extremos das pressões internas, declinando à sociedade do cansaço, fruto de esgotamento excessivo e de não tornar objetivos possíveis.

Essas três definições estão em uma mesa sociedade atual, virtual e mais individual, que quer uma dopamina de suas dificuldades diárias – stress, correria, cansaço –, e usa o consumo como esta pílula. É aqui que entra a sociedade do consumo e entretenimento. Inicialmente, se trata de tornar tanto o sujeito quanto o produto midiático consumível, dar uma função social pelas narrativas.



Pelo autor, conseguimos entender que nossa sociedade ganha novas faces em efeito dominó, e que, principalmente para a comunicação, o entretenimento se torna um novo hábito de consumo que nos alivia das outras definições. O público agora quer produtos curtiáveis ou instagramáveis, levando a “despolitização e à dessolidificação da sociedade” (Han, 2021) e ao foco apenas na própria felicidade e da própria imagem.

Não se quer mais consumir produtos ou informações aprofundadas. Se quer o que nos felicite e entretenha, misturando esferas e tornando arte e cultura, por exemplo, relevantes apenas se consumíveis. O mesmo ocorre com o que vemos nas redes sociais e o que



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/12/2025”

compartilhamos e com o que interagimos nas plataformas digitais. Na prática, um influenciador vende mais que um estudo sobre um produto, e se o uso dele alcançar seguidores para o consumidor, vale mais a pena ser comprado.



Porém, notamos que as dores crônicas da sociedade se tornam cada vez mais agressivas e extremas – suicídios, abusos físicos e psicológicos são um exemplo – e que, talvez, as doses de consumo positivo não suportem segurar as pressões. Para sobreviver, o que nos machuca por fora, teremos que nos insensibilizar.

E esse é o perigo: um consumo insensível em busca de uma felicidade imediata, enquanto tentamos nos tornar sempre positivos diante das telas e das poucas pessoas de nossa rotina, enquanto as violências se internalizam, se enraízam. Uma hora, nos saturaremos, e vídeos, séries, filmes, músicas, e outros produtos da indústria do entretenimento não serão suficientes para a saturação mental e física, seguido por colapsos em esferas diversas: primeiro individual, depois coletivamente.

Byung Chul-Han não desenvolve uma previsão para o futuro – até mesmo porque não é esta a função de um pesquisador –, mas de seus estudos, conseguimos imaginar que é preocupante para onde vai nossa sociedade, cercada de um enxame digital, sem sentir as dores das picadas e das bolhas em seus pés, suportando com um sorriso sádico um caminho infundável e cada vez mais desgastante, disfarçando suas feridas com maquiagens borradas e roupas desconexas. Consegue imaginar este andarilho aberrante? Ele pode nos representar.

Opinião Especializada vs. Opinião Popular: Quem Tem Autoridade para Falar?

OPINIÃO

Leia o artigo completo no Site

POR

The Bard News, Redação

"A tensão entre o conhecimento técnico e a sabedoria coletiva, e como definir quando uma opinião merece ser ouvida."

A sociedade moderna vive um momento em que todo mundo tem algo a dizer, mas nem sempre é simples entender quem realmente deve ser ouvido. O conflito entre opinião especializada e opinião popular se tornou um dos debates mais urgentes do nosso tempo. De um lado estão os especialistas, respaldados por anos de estudo, pesquisa e método. Do outro, a voz do povo, que fala a partir da experiência, da realidade cotidiana, dos afetos e das necessidades imediatas. No meio desse embate, surge uma pergunta delicada: afinal, quem tem autoridade para falar?



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/12/2025”

Esse dilema não é novo, mas ganhou proporções inéditas com o avanço da tecnologia, das redes sociais e da circulação instantânea de ideias. Em poucos segundos, uma opinião pessoal pode alcançar milhares de pessoas, gerar debates acalorados e até influenciar decisões políticas. A democratização da fala trouxe potência, mas também trouxe ruído. Se antes apenas alguns tinham espaço para se pronunciar, hoje todos podem, e isso é, ao mesmo tempo, libertador e caótico.

Especialistas defendem que, em temas complexos, o conhecimento técnico precisa ser respeitado. Médicos, biólogos, economistas, engenheiros e cientistas sociais dedicam anos a entender fenômenos que não são visíveis a olho nu. Eles dominam dados, analisam padrões, testam hipóteses, confrontam teorias. Suas opiniões são moldadas por evidências, não por impressões momentâneas. Ignorar esse tipo de conhecimento pode custar caro. Foi assim na pandemia, quando parte da população desconfiou de vacinas, tratamentos e orientações básicas enquanto especialistas tentavam, desesperadamente, comunicar riscos reais.

Ao mesmo tempo, a opinião popular não pode ser tratada como irrelevante, e muito menos como ignorância. O senso comum é construído a partir da vida nas ruas, das histórias de família, da convivência com a violência, com a desigualdade, com a falta de acesso. Ele nasce da urgência de quem precisa resolver problemas reais, todos os dias. E essa vivência é uma forma legítima de conhecimento. Uma mãe de periferia falando sobre segurança pública carrega observações que nenhum livro acadêmico pode oferecer. Um agricultor que vive os efeitos das mudanças climáticas entende a terra de um jeito que muitos especialistas jamais entenderão.



O problema, portanto, não é decidir quem está certo ou errado, mas reconhecer que especialização e experiência não são inimigas. A tensão surge quando uma tenta silenciar a outra. Especialistas, muitas vezes, falam de cima para baixo, como se o povo fosse incapaz de compreender. A população, por sua vez, reage rejeitando o conhecimento técnico, como se ele fosse manipulação ou elitismo. No fundo, é um problema de confiança, uma ferida que se abriu e que ainda não foi devidamente tratada.

A crise de confiança se agrava pelo papel das redes sociais. Algoritmos premiam quem fala mais alto, não quem fala melhor. A opinião que emociona ganha mais espaço do que a opinião que explica. A indignação circula mais rápido do que a prudência. Em meio a esse cenário, especialistas muitas vezes parecem frios demais, distantes demais, enquanto influenciadores, vizinhos e amigos soam mais próximos, mais humanos, mais compreensíveis. A consequência é uma confusão crescente entre verdade e viralização.

No entanto, existe um caminho possível, e ele passa pelo encontro. Quando especialistas se dispõem a ouvir a população antes de falar, e quando a população sente que está sendo respeitada e não subestimada, surge um terreno fértil para a compreensão mútua. Foi assim em muitos projetos de saúde pública: a ciência só avançou quando dialogou com líderes comunitários, acolheu medos reais e tratou a população como parceira, não como obstáculo. Em processos participativos ao redor do mundo, assembleias cidadãs têm mostrado que decisões complexas podem ser tomadas com base na colaboração entre quem sabe pela teoria e quem sabe pela vivência.

No final das contas, a pergunta "quem tem autoridade para falar?" talvez esteja mal formulada. A autoridade não está em títulos, diplomas ou no número de seguidores. Ela nasce da responsabilidade com o impacto da

própria fala, da honestidade na argumentação e da abertura ao diálogo. Autoridade verdadeira não é quem grita mais alto, mas quem constrói pontes. Não é quem impõe, mas quem conecta.

O desafio do nosso tempo é aprender a ouvir, ouvir com paciência, com abertura, com humildade. A opinião especializada ilumina caminhos com método e evidência; a opinião popular ilumina com sensibilidade e experiência. Quando essas duas luzes se encontram, o debate deixa de ser disputa e se transforma em construção. E talvez seja exatamente isso que a democracia moderna mais precisa: menos guerra de certezas e mais colaboração entre mundos que, embora diferentes, têm muito a aprender um com o outro.



OPINIÃO

A família tradicional ainda é o pilar da sociedade?



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

Costuma-se repetir, quase como mantra, que a família tradicional é o pilar da sociedade. Mas pilares também racham, e o tempo revela suas fissuras. A imagem perfeita de pai, mãe e filhos enfileirados como moldura de propaganda antiga não dá conta da vastidão da vida. A existência é mais ampla que qualquer retrato emoldurado.



Quando Pilares Racham: Repensando Estruturas Familiares Entre Tradição e Reinvenção no Século XXI



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/12/2025"

Família não é uma forma rígida. É raiz, mas não de uma única árvore. São raízes múltiplas, que se entrelaçam em terrenos diversos. Há famílias que nascem do sangue, outras que se reinventam na amizade, no cuidado, no amor que escolhe permanecer. Um avô que vira porto seguro, duas mulheres que constroem juntas um lar, um pai solo que se desdobra em afeto, amigos que se tornam irmãos de caminhada... tudo isso é família.



A sociedade não desmorona quando um modelo se transforma. Desmorona quando falta afeto, quando a violência silencia os lares, quando a tradição vira máscara para encobrir o vazio. Muitos lares ditos "tradicionais" sustentaram dor e ausência, enquanto tantos considerados "atípicos" florescem em dignidade e temura.



O verdadeiro pilar não é a forma, é a substância. Não é a foto emoldurada na parede,

mas o abraço que acolhe. Não é a repetição da norma, mas a reinvenção que se mantém fiel ao essencial: amar, cuidar, partilhar.

O século XXI nos convida a abrir a janela e deixar entrar o vento das mudanças. Não é a tradição cega que nos mantém de pé, e sim a coragem de reinventar os laços sem perder a raiz. Essa, sim, é a família que sustenta, que resiste, que se torna pilar de uma sociedade mais humana

A família tradicional como "pilar da sociedade" é questionada: pilares racham e a vida é mais ampla que retratos emoldurados. Família não é forma rígida, mas raízes múltiplas que se entrelaçam - sangue, amizade, cuidado, amor escolhido. O verdadeiro pilar não é a forma, mas a substância: amar, cuidar, partilhar. A sociedade se sustenta pela coragem de reinventar laços sem

perder raízes essenciais..



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

Sua marca aqui

Anuncie aqui

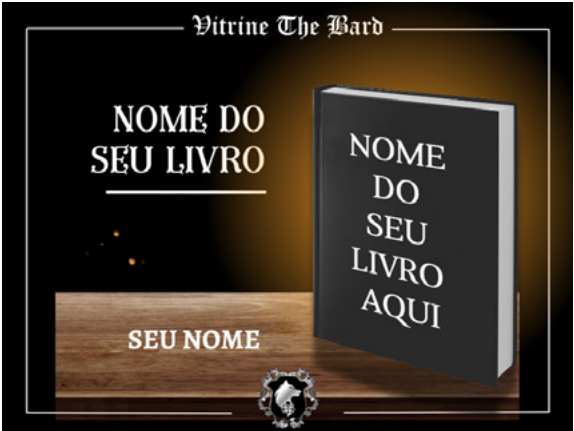
Propaganda interativa: A um clique do seu produto "A arte do banner nós fazemos"

TÍTULO DO SEU ANÚNCIO AQUI

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates respiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim bcatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla mdeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla mdeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure **Seu endereço de Site aqui** www.seusite.com.br

VITRINE THE BARD



Clique aqui para anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



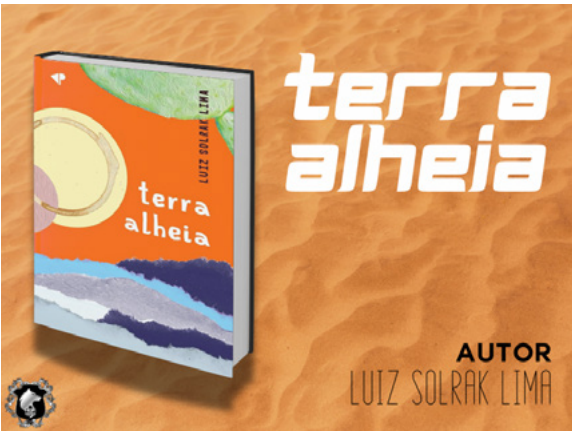
Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar

CLASSIFICADOS

ANUNCIE
SEU NEGÓCIO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SUA EMPRESA

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU EVENTO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar

 Sua marca aqui



Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto
"A arte do banner nós fazemos"

CLIQUE AQUI
PARA ANUNCIAR

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates respiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim beatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure **Seu endereço de Site aqui** www.seusite.com.br

ANUNCIE

ANÚNCIOS NO SITE

ANÚNCIO 1 - 1196X212



The Bard News

FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 2 - 1000X212



The Bard News

FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 3 - 400X300



The Bard News

FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 4 - 1080X1920



The Bard News

FAZEMOS A ARTE

ANUNCIE

ANÚNCIOS NO JORNAL EM PDF

Pub1

ANUNCIE

Pub2

ANUNCIE

Pub3

ANUNCIE

Pub4

ANUNCIE

Pub5

ANUNCIE

Pub6

ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE
ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE
ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE
ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE
ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE

Clique aqui para Anunciar

REFLEXÕES & COMENTÁRIOS

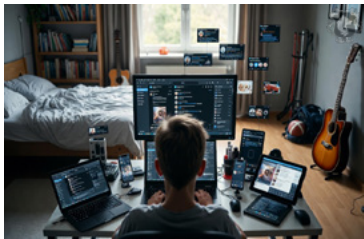
Conecte-se: Compartilhe Sua Opinião com o Jornal The Bard News

Este espaço é feito para você! No quadro **“Reflexões & Comentários”**, convidamos nossos leitores a compartilhar comentários, opiniões, reflexões, críticas e elogios sobre temas abordados no jornal. Clique na imagem abaixo, você será direcionado para o post no Site e lá faça o seu comentário. Participe! Deixe a sua Opinião.

Os melhores comentários serão Publicados na próxima edição do Jornal.



CLIQUE NO POST



Conectados: como a era digital está moldando a adolescência.



Ansiedade coletiva: Por que o mundo nunca esteve tão estressado?



O açúcar e sua doçura em nossa língua portuguesa



Grupos de Reisados: Importância Histórica E Cultural



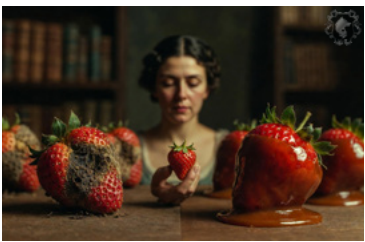
O consumo da sociedade do entretenimento: comentando Byung Chul-Han



Nietzsche, Niilismo e Cristianismo: Ética Entre a Morte de Deus e a Criação



Adolescentes e viagens em família: Desafios e descobertas na bagagem.



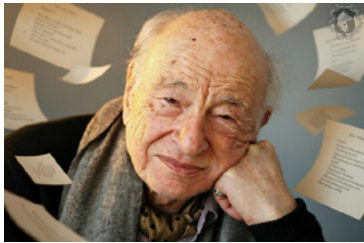
LINHA CRUZADA: Mofados Morangos do Amor



Por que nos apegamos tanto à nostalgia?



Quando a canção desperta a memória: o poder da música no Alzheimer



Nas teias do amor e da poesia: a visão de Edgar Morin



Shakespeare no século XXI: modernidade sem perder a tradição



Série: Os Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura - Sully Prudhomme: 1901



Série: Os Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura - Theodor Mommsen: 1902



CONTO: O Café Passagem" - Capítulo 4: O Segundo Domingo



Colecionador de Últimos Suspiros: Capítulo 3



O Mercado de Arte Independente: Como Colecionadores Estão Redefinindo o Valor da Produção Cultural



Dentro da maior reviravolta nutricional dos EUA: ciência, política e a guerra contra os ultraprocessados



José de Alencar: o Arquiteto da Alma Brasileira



Cultura e Economia Criativa: Monetização da Arte e Talento



O Homem da Máscara de Ferro: O Segredo Mais Sombrio do Rei Sol



Opinião Especializada vs. Opinião Popular: Quem Tem Autoridade para Falar?



Mentes Fragmentadas: os efeitos da hiperestimulação digital na memória, no foco e no pensamento crítico



O Labirinto da Liberdade: A Crise da Legitimidade na Democracia Moderna



A família tradicional ainda é o pilar da sociedade?

AGRADECIMENTOS



No dia 11 de janeiro de 2026, celebramos a concretização de um sonho coletivo: o lançamento da 5ª edição do Jornal The Bard News®, no Brasil e no mundo.

Em um tempo marcado por transformações rápidas e profundas, seguimos acreditando na força da arte, da literatura, da ciência e do conhecimento como instrumentos capazes de construir pontes, ampliar horizontes e provocar reflexões indispensáveis. O The Bard News nasce como um espaço aberto, plural e generoso, voltado a todos que compreendem o diálogo, a diversidade e a cultura como pilares essenciais de transformação. Hoje, nosso agradecimento é sincero e profundo a cada pessoa que tornou este projeto possível. À equipe incansável, que entregou talento, dedicação, noites de trabalho e paixão; aos colaboradores e artistas convidados, que confiaram ao jornal suas vozes, ideias e olhares singulares; a todos que divulgaram, apoiaram, sugeriram e acreditaram desde o início. Nosso reconhecimento especial aos leitores, razão maior da nossa existência e parceiros fundamentais na construção de cada edição. Ao reunir temas como Arte, Literatura, História, Educação,

Filosofia, Psicologia, Ciência, Tecnologia, Saúde & Bem-Estar, Cultura e Opinião, buscamos oferecer mais do que informação. Nosso propósito é proporcionar experiências, despertar descobertas e provocar inquietações. O The Bard News nasce para ser vitrine e espelho do nosso tempo, fiel à missão de abrir espaço para o novo, para o debate, para o questionamento e para a proposição de ideias.



Nesta e em todas as edições, convidamos você a se conectar, participar e compartilhar sua voz conosco. Nosso compromisso permanece firme com o acesso democrático a conteúdos relevantes, nacionais e internacionais, guiados pela ética, pelo respeito e pela inovação.

A todos que caminharam e continuam caminhando ao nosso lado, o nosso mais sincero agradecimento. O The Bard News é, acima de tudo, uma obra coletiva. Por isso, celebramos juntos cada conquista, cada desafio e cada página escrita dessa história que está apenas começando.

A Redação - The Bard News

JORNAL THE BARD NEWS



BAIXE NOSSO APLICATIVO

1

QR CODE

Aponte a camera do seu celular



OU

SITE

Clique aqui para acessar o Site



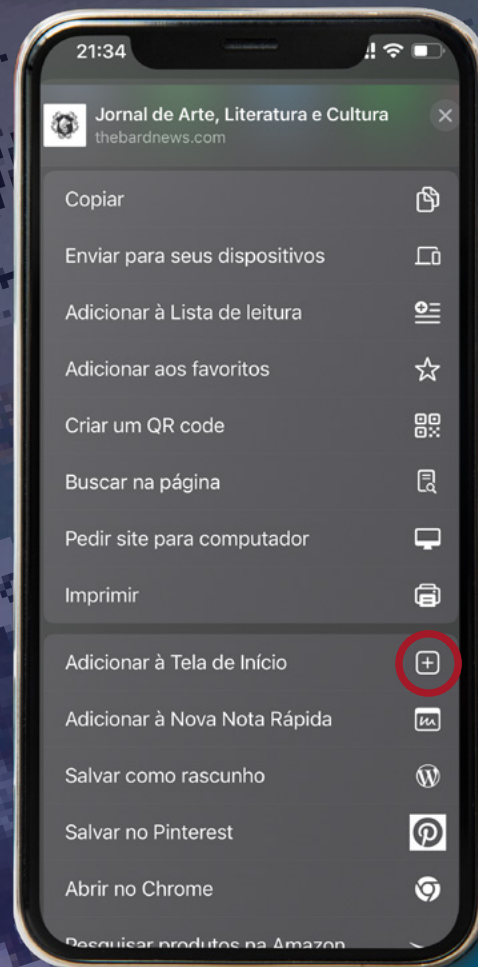
2

Procure este "ícone" no seu navegador.



3

Selecione a opção "Adicionar à tela de início."



4

Clique em "Adicionar"



5

Pronto! Seu app já estará instalado e está na sua tela inicial.

